



Universidades Lusíada

Cerqueira, Ana Paula Martins, 1984-

O impacto do suporte social nos estilos parentais

<http://hdl.handle.net/11067/3603>

Metadados

Data de Publicação	2017
Resumo	Tendo como base o modelo do desenvolvimento ecológico de Urie Bronfenbrenner (1977), este trabalho encara a parentalidade numa perspetiva ecológica e pretende explorar duas variáveis associadas à mesma, que são o foco deste estudo – os estilos parentais e o suporte social. Assim, a presente investigação pretende analisar o impacto do suporte social ao nível dos estilos parentais. Para a recolha de dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico, a escala EMBU-P (Castro, Pablo, Gómez, Arrind...
Palavras Chave	Pais e filhos, Parentalidade, Responsabilidade dos pais, Teoria ecológica do desenvolvimento
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T16:30:56Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

O impacto do suporte social nos estilos parentais

Realizado por:

Ana Paula Martins Cerqueira

Orientado por:

Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Arguente: Prof.^a Doutora Teresa Paula Rodrigues de Oliveira Leite Maurer

Dissertação aprovada em: 10 de Novembro de 2017

Lisboa

2017



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

O impacto do suporte social nos estilos parentais

Ana Paula Martins Cerqueira

Lisboa

Outubro 2017



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Mestrado em Psicologia Clínica

O impacto do suporte social nos estilos parentais

Ana Paula Martins Cerqueira

Lisboa

Outubro 2017

Ana Paula Martins Cerqueira

O impacto do suporte social nos estilos parentais

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Lisboa

Outubro 2017

Ficha Técnica

Autor Ana Paula Martins Cerqueira
Orientadora Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Título O impacto do suporte social nos estilos parentais
Local Lisboa
Ano 2017

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

CERQUEIRA, Ana Paula Martins, 1984-

O impacto do suporte social nos estilos parentais / Ana Paula Martins Cerqueira; orientada por Tânia Gaspar Sintra dos Santos. - Lisboa : [s.n.], 2017. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - SANTOS, Tânia Gaspar Sintra dos, 1977-

LCSH

1. Pais e filhos
2. Parentalidade
3. Responsabilidade dos pais
4. Teoria ecológica do desenvolvimento humano
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and child

2. Parenthood

3. Parenting

4. Ecological systems theory

5. Universidade Lusíada de Lisboa. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations

6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ755.85.C47 2017

Errata

Errata referente à dissertação de Mestrado intitulada “O impacto do suporte social nos estilos parentais”, realizada por Ana Paula Martins Cerqueira

Páginas	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
3	16	“O presente estudo está dividido em cinco capítulos:”	“O presente estudo está dividido em seis capítulos:”
3	17	“o segundo capítulo corresponde à metodologia, contendo a descrição dos objetivos, dos instrumentos utilizados para a recolha de dados e dos procedimentos;”	“o segundo capítulo corresponde aos objetivos;”
3	19	“...o terceiro capítulo diz respeito à apresentação dos resultados obtidos...”	“...o terceiro capítulo diz respeito à metodologia, contendo a descrição da amostra, dos instrumentos utilizados para a recolha de dados e dos procedimentos;”
3	20	...que serão depois discutidos ao longo do quarto capítulo.”	“O quarto capítulo contém a apresentação dos resultados obtidos que serão depois discutidos ao longo do quinto capítulo.”
3	20	“ E por fim, no quinto capítulo...”	“E por fim, no sexto capítulo...”
11	12	(Houghughy & Long, 2004).	(Hoghughy & Long, 2004).
20	10	“...e exigências da criança”.	“...e exigências da criança” (Cardoso & Veríssimo, 2013, p. 394).
20	21	...ajustamento, e,...	“...ajustamento e,...”
22	13	“...e diferentes dimensões...”	“...e as diferentes dimensões...”
23	23	“...mais adequado às necessidade...”	“...mais adequados às necessidades...”
26	15	(Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983)	(Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983, p. 127)
42	15	“...atividades sociais).”	“...atividades sociais”.
44	7	“...de forma a responder à segunda e terceira hipótese de investigação, respetivamente.”	“...de forma a ir de encontro aos objetivos 4 e 5, respetivamente.”
44	10	“...através do coeficiente de correlação de Spearman e do modelo de regressão linear múltipla (Tabela 6).”	“...através do coeficiente de correlação de Spearman (Tabela 6) e do modelo de regressão linear múltipla.”
46	10	“(Tabela 4)”.	“(Tabela 2)”.
46	15	“A”	“ α ”
54	13	“...obtidos num estudo de Arrindell et al. (1983)...”	“...obtidos num estudo de Arrindell et al. (1983) e Canavarro e Peireira (2007b)...”
54	19	(Procidano & Heller, 1983; Miller & Darlington, 2002).	(Miller & Darlington, 2002; Procidano & Heller, 1983).
58	18	“...no mesmo sentido do estudo de Thompson e Walker (1989)...”	“... no mesmo sentido do sugerido por Thompson e Walker (1989)...”

Agradecimentos

À Professora Doutora Tânia Gaspar pelo empenho, dedicação e excelente trabalho que realiza como coordenadora da licenciatura em psicologia e do mestrado em psicologia clínica e por toda a disponibilidade, apoio e excelência durante a orientação deste trabalho e ao longo dos meus cinco anos de formação.

À Professora Doutora Túlia Cabrita por toda a disponibilidade, apoio, sugestões fornecidas, partilha de conhecimento e experiências ao longo de todo o percurso académico e pela sua fantástica capacidade de transmitir calma e tranquilidade aos seus alunos.

À Professora Doutora Teresa Santos, por toda a disponibilidade, apoio e orientação fornecida ao longo do estágio académico.

A todos os professores da licenciatura e mestrado em psicologia clínica, da universidade lusíada de lisboa, por todo o apoio dado durante o percurso académico e pela partilha e transmissão de conhecimentos e experiências que foram fundamentais tanto durante este percurso, como ao nível do futuro desempenho profissional.

A todas as pessoas que se disponibilizaram para ajudar no processo de recolha de dados e a todos os pais e mães que dispensaram um pouco do seu tempo para preencher os questionários e permitir a realização deste estudo.

Aos meus colegas e amigos, Fábio Alexandre, Ana Martins, Tânia Carvalho, Jennifer Domingues e Anaísa Santo, que percorreram este percurso comigo, partilharam as angústias, dúvidas e dificuldades, bem como as brincadeiras, sorrisos e gargalhadas.

Aos meus restantes colegas de licenciatura e mestrado pelo fantástico ambiente de interajuda, amizade e companheirismo que tornou sempre tudo mais simples.

À minha família por nunca ter deixado de acreditar que era possível, pelo incentivo, apoio e ajuda incondicional, ao longo de todo o meu percurso académico.

Resumo

Tendo como base o modelo do desenvolvimento ecológico de Urie Bronfenbrenner (1977), este trabalho encara a parentalidade numa perspetiva ecológica e pretende explorar duas variáveis associadas à mesma, que são o foco deste estudo – os estilos parentais e o suporte social. Assim, a presente investigação pretende analisar o impacto do suporte social ao nível dos estilos parentais.

Para a recolha de dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico, a escala EMBU-P (Castro, Pablo, Gómez, Arrindell, & Toro, 1997; adaptado por Canavarro & Pereira, 2007a) e a Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS) (Ribeiro, 1999), numa amostra de 1096 indivíduos, do género feminino (n=855) e masculino (n=241), com idades entre os 20 e os 80 anos de idade (M=41,65). O género e a idade dos pais são duas das variáveis que também serão estudadas, ao nível da sua influência nos estilos parentais, constituindo-se, também, como objetivos deste estudo.

Os resultados demonstraram que o suporte social (relativamente às amizades, familiar, intimidade e ao nível das atividades sociais) dos pais se correlaciona positivamente com os estilos parentais, em todas as dimensões avaliadas pela escala EMBU-P (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), pelo que se verifica que o suporte social influencia os estilos parentais. O género e idade dos pais surgem, também, como variáveis que se refletem nos estilos parentais, evidenciando-se diferenças ao nível das mães e pais e das suas idades, ao nível da sua perceção de suporte emocional, de rejeição e de tentativa de controlo.

Palavras-chave: Modelo do desenvolvimento ecológico; Urie Bronfenbrenner; Suporte social; Parentalidade; Estilos parentais; Género; Idade; EMBU-P; ESSS.

Abstract

This work, based on Urie Bronfenbrenner ecological development model (1977), aims to demonstrate parenting from an ecological perspective and seeks to explore two variables associated with it, which are the focus of this study - parental styles and social support. In this way, the present research intends to analyse the impact of social support on parental styles level.

A sociodemographic questionnaire was used to collect data, the EMBU-P scale (Castro, Pablo, Gómez, Arrindell, & Toro, 1997; adapted by Canavarro & Pereira, 2007a) and the Satisfaction Scale with Social Support (ESSS) (Ribeiro, 1999). The sample consisted of 1096 individuals, female (n=855) and male (n=241), aged between 20 and 80 years (M=41.65). Parents' gender and age are two of the variables that will also be studied in terms of their influence on the parental styles, representing the objectives of this study as well.

The results showed that the social support (in relation to friendships, family, intimacy and level of social activities) of the parents correlates positively with the parental styles, in all dimensions assessed by the EMBU-P scale (emotional support, rejection and attempted at control). It was verified that social support has impact on parental styles. Additionally, gender and age of parents appear as variables which are reflected in the parental styles, revealing differences among mothers and fathers as well as their ages, in terms of their perception of emotional support, rejection and attempted at control.

Keywords: Ecological development model; Urie Bronfenbrenner; Social support; Parenting; Parental styles; Gender; Age; EMBU-P; ESSS.

Índice de tabelas

Tabela 1 – Distribuição nas dimensões da escala EMBU-P.....	45
Tabela 2 – Distribuição nas dimensões da escala ESSS.....	46
Tabela 3 – Alfa de Cronbach da escala EMBU-P e ESSS.....	46
Tabela 4 – Diferenças de médias entre os estilos parentais e o género dos pais.....	47
Tabela 5 – Diferenças de médias entre os estilos parentais e a idade dos pais.....	48
Tabela 6 – Correlações entre as variáveis (estilos parentais e suporte social).....	49
Tabela 7 – Regressão linear das variáveis género, idade e suporte social como preditoras do suporte emocional.....	50
Tabela 8 – Regressão linear das variáveis género, idade e suporte social como preditoras da rejeição	51
Tabela 9 – Regressão linear das variáveis género, idade e suporte social como preditoras da tentativa de controlo	52

Lista de anexos

Anexo A – Questionário sociodemográfico.....	83
Anexo B – Escala – Estilos parentais.....	89
Anexo C – Escala – Suporte social.....	95

Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos

- α - Alfa de Cronbach
- AS - Satisfação com as atividades sociais
- B - Coeficiente não padronizado
- Beta - Coeficiente de regressão padronizada
- DP - Desvio padrão
- EMBU-P - Escala Egna Minnen Bertraffande Uppfostan – Parents version
- ESSS - Escala de Satisfação com o Suporte Social
- F - Teste F
- IN - Intimidade
- M - Média
- n - Número total de casos
- RJ - Rejeição
- SA - Satisfação com as amizades
- SE - Suporte emocional
- SF - Satisfação com o suporte familiar
- t - Teste t
- TC - Tentativa de controlo

Índice

Resumo	VII
Abstract	IX
Índice de tabelas	XI
Lista de anexos	XIII
Lista de abreviaturas, siglas, acrónimos e símbolos	XV
Índice.....	XVII
Introdução.....	1
Enquadramento teórico	5
Modelo ecológico do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner.....	6
Parentalidade.....	10
Dimensões da parentalidade	14
Estilos Parentais	16
Diferenças de género e idade na parentalidade.....	21
Suporte social na parentalidade	25
Objetivos	35
Metodologia.....	37
Amostra	37
Instrumentos	38
Estilos Parentais	40
Satisfação com o Suporte Social	41
Procedimentos.....	42
Apresentação de resultados	45
Discussão.....	53
Conclusão	61

Referências Bibliográficas	65
Anexos.....	81
Anexo A.....	83
Anexo B.....	89
Anexo C.....	95

Introdução

De forma a contextualizar o tema da parentalidade, em primeiro lugar é abordado o conceito de família. Hoje em dia, já existem inúmeras definições para este conceito, mas “talvez o mais importante seja vê-la como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna uma e única” (Alarcão, 2002, p. 39).

O sistema familiar divide-se em subsistemas que, de acordo com Alarcão (2002), são essencialmente quatro: o subsistema individual, o conjugal, o parental e o fraternal. O subsistema parental, composto pelos dois membros do subsistema conjugal, vai desempenhar funções a nível da proteção e educação dos recentes membros da família, ou seja, dos filhos desse casal. As interações entre filhos e pais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. A família, enquanto sistema, deve ser encarada como um todo, mas também como fazendo parte de outros sistemas com os quais se relaciona, como por exemplo, a comunidade ou a própria sociedade. Desta forma, ela é influenciada por esses contextos e, ao mesmo tempo, exerce influência sobre eles.

Assim, tendo como base o modelo do desenvolvimento ecológico de Urie Bronfenbrenner (1977), este trabalho encara a parentalidade numa perspetiva ecológica. O processo de passagem para a parentalidade traz inúmeros desafios, novas exigências e requer uma adaptação ao papel parental. Para o desempenho deste novo papel é necessário que os pais desenvolvam várias competências parentais que lhes permitam fazer face a todos os desafios com os quais se vão deparar. A perceção que os pais têm relativamente à qualidade do seu suporte social pode trazer repercussões ao nível do desempenho do papel parental, por isso a relevância deste estudo reside na possibilidade de exploração da relação entre o suporte social dos pais e os seus estilos parentais, com o objetivo de verificar a influência que o primeiro exerce sobre o segundo, aspetos que, após a revisão bibliográfica efetuada, se

mostraram ainda pouco explorados.

Assim, o presente trabalho pretende explorar duas variáveis associadas à parentalidade, que são o foco deste estudo e que serão abordadas ao longo do enquadramento teórico – os estilos parentais e o suporte social.

Na literatura sobre o tema da interação entre pais e filhos, é possível identificar dois conceitos importantes, que são o de práticas parentais e o de estilos parentais. As práticas dizem respeito às estratégias que os pais utilizam para conseguirem atingir os objetivos específicos em várias áreas da vida da criança (Cecconello, Antoni & Koller, 2003) e os estilos parentais englobam um conjunto de práticas que espelham um padrão de interação entre pais e filhos e que gera um clima emocional (Grzybowski & Wagner, 2010).

Para além disto, a maioria dos autores na área dos estilos parentais identificaram duas dimensões principais relativamente ao comportamento parental: dimensão suporte, aceitação e afeto e dimensão controlo (Castro, Toro, Van der Ende & Arrindell, 1993), que serão abordadas mais detalhadamente ao longo do enquadramento teórico. Estas duas dimensões “têm sido empiricamente identificadas na estrutura fatorial de instrumentos de avaliação de estilos parentais”, nomeadamente na escala EMBU, versão para pais, crianças e adolescentes (Miguel, Valentim & Carugati, 2009, p. 171).

Menéndez, Salgado e Hidalgo (1996) estudaram a relação entre o suporte social e a satisfação parental, durante o período de transição para a parentalidade. As suas conclusões apontaram para a existência de uma relação entre o suporte social dos pais e a satisfação com o papel parental, sendo que, os fatores de maior influência na perceção de um maior nível de suporte social, tinham a ver com a qualidade da relação matrimonial, com as conversas relativamente à parentalidade e com a existência de uma rede de amigadas com a qual pudessem contar. Segundo as autoras, a existência de um bom suporte social é um fator de

extrema importância para um bom desempenho do papel parental.

Existem diversos estudos que evidenciam a influência que os relacionamentos sociais exercem relativamente à saúde dos indivíduos (Heaney & Israel, 2008) e, também, em relação à saúde parental, no sentido em que o suporte social pode funcionar como um fator protetor contra possíveis impactos negativos nas crianças (Geens & Vandembroeck, 2014), como por exemplo, ao nível da prevenção da negligência e de abusos (Coohey, 2007). Para além disto, o suporte social pode contribuir para um aumento do bem-estar e para práticas parentais mais positivas sendo, por isso, importante para o desenvolvimento das crianças (Oravec, Osteen, Sharpe & Randolph, 2011).

No entanto, após a pesquisa bibliográfica efetuada para a realização deste trabalho, verificou-se a existência de poucos estudos que abordassem especificamente a relação entre o suporte social dos pais e os seus estilos parentais. Desta forma, considerou-se pertinente a exploração desta questão.

Assim, este estudo exploratório pretende compreender a relação entre os estilos parentais e o suporte social, visando explorar o impacto que o segundo tem sobre o primeiro.

O presente estudo está dividido em cinco capítulos: o primeiro corresponde ao enquadramento teórico, onde será contextualizado o tema a abordar; o segundo capítulo corresponde à metodologia, contendo a descrição dos objetivos, dos instrumentos utilizados para a recolha de dados e dos procedimentos; o terceiro capítulo diz respeito à apresentação dos resultados obtidos que serão depois discutidos ao longo do quarto capítulo. E por fim, no quinto capítulo serão descritas as principais conclusões que se retiraram com a realização deste estudo.

Enquadramento teórico

Ao termos em consideração o desenvolvimento humano, não podemos olhar apenas para as características individuais de cada ser humano, mas temos também de levar em consideração os contextos sociais onde eles se inserem, bem como as interações que nestes ocorrem. A família é um desses contextos sociais e assume um papel determinante no desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos seus elementos (Soares & Almeida, 2011).

De acordo com Dessen e Polonia (2007, p. 22), a família “é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva”. A transmissão de valores, crenças, ideias e significados, é vista como uma responsabilidade da família (Kreppnet, 2000), desempenhando assim um papel significativo ao nível do comportamento dos indivíduos, sobretudo nas crianças, aquando do seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem. As transformações tecnológicas, sociais e económicas que se foram verificando ao longo do tempo, deixam a sua marca também ao nível da estrutura, da organização, dos padrões familiares e, conseqüentemente, ao nível dos papéis que os seus membros desempenham (Dessen & Polonia, 2007).

Assim, atualmente verifica-se a existência de diversos tipos de famílias (Dessen, 2010) que emergiram como alternativas ao conceito de família tradicional (Petzold, 1998). Alguns exemplos disso são os casos de pessoas solteiras que vivem sozinhas, casais não casados que vivem em conjunto, casais homossexuais, famílias que já estão num segundo ou terceiro casamento, casais que vivem em casas diferentes, casais que cuidam de parentes que necessitam de cuidados especiais, entre outros. Desta forma, estamos perante um vasto leque de possibilidades e construções familiares, que passaram a ser contempladas nas abordagens contemporâneas que se dedicam ao estudo da família (Dessen, 2010; Petzold, 1998).

A compreensão do indivíduo no seu contexto familiar teve lugar na década de 70, com a publicação dos trabalhos de Urie Bronfenbrenner e com a sua teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Boing, Crepaldi & Moré, 2008). Neste modelo bioecológico, o desenvolvimento é definido como “um fenómeno de continuidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto enquanto indivíduos como enquanto grupos” (Bronfenbrenner & Morris, 1998, p. 793).

Modelo ecológico do desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner

Urie Bronfenbrenner, psicólogo americano, nasceu a 29 de Abril de 1917, em Moscovo, Rússia. Foi para os Estados Unidos com 6 anos e faleceu a 25 de setembro de 2005 (Härkönen, 2007). Em 1979 escreve o livro *A ecologia do desenvolvimento humano*, que trouxe novas ideias relativamente ao desenvolvimento humano, nomeadamente no sentido contrário ao que até aí se seguia, ou seja, colocou em evidência a influência que o contexto exerce sobre o desenvolvimento, por oposição ao peso que os fatores individuais tinham, no que dizia respeito ao mesmo (Tudge, 2007).

Assim, o trabalho de Bronfenbrenner (1977) surgiu como oposição à visão mais estática e restrita relativamente ao ser humano. Na visão tradicional do desenvolvimento humano, os indivíduos eram observados apenas num contexto, não se tendo, por isso, em consideração as múltiplas influências dos diversos contextos em que os mesmos estavam inseridos. Bronfenbrenner defendia que para uma melhor compreensão do desenvolvimento humano deveria existir uma observação dos diversos indivíduos nos múltiplos contextos em que se inserem, tendo assim em atenção, não apenas o indivíduo em determinado contexto, mas sim esse indivíduo, as restantes pessoas presentes e envolvidas e os vários contextos presentes na sua vida.

Ao longo do seu ciclo de vida, os seres humanos situam-se e movimentam-se por

diversos contextos e os modelos ecológicos focam a sua atenção nos processos e nas condições que norteiam o desenvolvimento humano, tendo sempre em atenção estes mesmos contextos (Bronfenbrenner, 1994). O termo ecologia deriva das ciências biológicas e diz respeito à relação que existe entre os organismos e os ambientes em que estão inseridos. Desta forma, estes modelos incorporam os fatores sociais e psicológicos aos fatores do contexto e do ambiente, no que diz respeito ao comportamento dos indivíduos (Sallis, Owen & Fisher, 2008).

A perspetiva ecológica olha para além do funcionamento do sistema familiar, de forma a ter em consideração fatores do contexto que exercem influência no comportamento dos indivíduos e, conseqüentemente, no seu ajustamento e processos familiares. Alguns exemplos destes fatores contextuais são as instituições educacionais, locais de trabalho, normas legais e sociais e aspetos culturais (Bornstein & Sawyer, 2006). Esta perspetiva “salienta a natureza interativa e sinérgica ao invés de aditiva e competitiva, das ligações entre a família e outras influências” (Collins et al., 2000, p. 227).

Embora Bronfenbrenner (1994) tenha sido o responsável por grande parte dos estudos realizados nesta área, o seu trabalho teve por base uma análise e integração de resultados de estudos empíricos que foram realizados ao longo de várias décadas, por diversos investigadores. A ecologia do desenvolvimento humano, de acordo com Bronfenbrenner (1994, p. 514) consiste “no estudo científico da acomodação progressiva e mútua, que acontece ao longo do ciclo de vida, entre um organismo humano em crescimento e os contextos nos quais ele vive” Este processo sofre influência das relações que se estabelecem entre os contextos imediatos e os contextos sociais mais amplos.

O ambiente ecológico é visto como um conjunto de estruturas inseridas umas dentro das outras, como que em camadas (Bronfenbrenner, 1979). Os indivíduos vão-se

movimentando por entre as várias camadas, que correspondem aos cinco sistemas que fazem parte deste modelo. Desde o sistema mais próximo do indivíduo até ao mais afastado, são eles, o microsistema, o mesossistema, o exossistema, o macrosistema e, por último, o cronossistema (Bronfenbrenner, 1994). A teoria inicial de Bronfenbrenner contemplava os quatro primeiros sistemas atrás referidos e, mais tarde, é que foi incluído o cronossistema, o quinto sistema que engloba o conceito de tempo (Bronfenbrenner, 1995; Johnson, 2008).

O microsistema é o sistema mais próximo do indivíduo em desenvolvimento e engloba as relações entre a pessoa e o seu ambiente mais imediato (por exemplo, a família, escola, grupo de pares, local de trabalho, etc.). O mesossistema contém as interações entre dois ou mais contextos, tais como, a relação entre a casa e a escola, a escola e o trabalho, entre outros. O exossistema diz respeito às ligações e processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, sendo que, em pelo menos um deles, não se verifica a presença do indivíduo em desenvolvimento, mas em que os acontecimentos que ali ocorrem vão exercer influência no contexto em que o mesmo vive (Bronfenbrenner, 1977, 1979, 1994). O macrosistema é o sistema mais afastado do indivíduo e abrange o sistema económico, social e político no qual o micro, meso e exossistema se inserem. Este sistema inclui valores culturais, crenças, situações e acontecimentos históricos que definem a comunidade, podendo ser encarado como “a pegada ou a impressão digital da sociedade numa determinada cultura ou subcultura” (Bronfenbrenner, 1994, p. 40). Por último, o cronossistema diz respeito ao elemento do tempo, da passagem do mesmo, e da forma como isso traz ou não mudanças ao nível das características do indivíduo e dos contextos em que o mesmo se insere (por exemplo, mudanças a nível das estruturas familiar, do estatuto socioeconómico, atividade laboral, local de residência, entre outros) (Bronfenbrenner, 1994).

Desta forma, o desenvolvimento humano ocorre através das mudanças na forma como

os indivíduos percebem e lidam com o ambiente em que estão inseridos. Os sistemas que fazem parte deste modelo, e que foram atrás explicados, são passíveis de ser influenciados pelos indivíduos e, por outro lado, exercem influência sobre os mesmos (Franco & Bastos, 2002).

A teoria de Bronfenbrenner relativa ao desenvolvimento humano esteve sempre em processo de evolução, até à data da sua morte, no ano de 2005. O autor foi fazendo reajustes à sua teoria e refere que se podem distinguir dois períodos: o primeiro termina com a publicação de *A ecologia do desenvolvimento humano* e o segundo é caracterizado por vários trabalhos que referenciavam o modelo ecológico e depois acrescentavam os seus novos componentes e elementos, formando um modelo ainda mais dinâmico que, mais tarde, foi apelidado de teoria bioecológica do desenvolvimento humano. Esta teoria traz como parte integrante a distinção entre o conceito de ambiente e de processo, que corresponde ao primeiro desenvolvimento teórico significativo que surgiu após a publicação do modelo ecológico original (Bronfenbrenner, 1999).

Assim, as ideias de Bronfenbrenner foram sendo desenvolvidas e, olhando para o total da sua teoria, podemos observar a inter-relação entre os seguintes conceitos: Pessoa, processo, contexto e tempo (PPCT) (Tudge, 2007; Tudge et al., 2009). O modelo bioecológico propõe que o desenvolvimento humano seja estudado tendo em consideração a inter-relação que existe entre estes quatro conceitos (Poletto & Koller, 2008).

O conceito de pessoa tem a ver com o ter em conta as características do indivíduo em desenvolvimento, pois as mesmas estão ligadas não só à forma como a pessoa se relaciona com os diversos contexto, mas também aos próprios tipos de contextos nos quais se insere (Martins & Szymanski, 2004).

O processo diz respeito à interação entre o indivíduo e o ambiente e é constituído

pelos diversos papéis e atividades desempenhadas pelo indivíduo. O contexto tem a ver com o próprio ambiente onde o indivíduo se insere e onde ocorrem os processos de desenvolvimento e corresponde ao micro, meso, exo e macrosistemas, conceitos que já foram abordados anteriormente. Por fim, o tempo está relacionado com as mudanças que ocorrem ao longo do tempo (Martins & Szymanski, 2004) e desempenha um papel crucial (Tudge, 2007).

Em suma, a teoria ecológica, mais tarde denominada de teoria bioecológica, é uma teoria do desenvolvimento humano. A mesma sublinha a importância da influência dos diferentes ambientes no desenvolvimento do indivíduo – micro, meso, exo, macro e cronossistema (Härkönen, 2007) e considera a bidirecionalidade em relação à pessoa e ao ambiente em que ela se insere (Martins & Szymanski, 2004).

Parentalidade

O psicanalista francês Paul-Claude Recamier (1961) propôs o termo de maternidade, com o intuito de dar um significado mais dinâmico ao termo *motherhood* (habitualmente traduzido como maternidade) e definiu-o como “o conjunto dos processos psicoafectivos que se desenvolvem e se integram na mulher por ocasião da maternidade” (Recamier, 1961, cit. por Houzel, 2004, p. 47). Para além desse neologismo, o autor acrescenta ainda outros dois, que foram os de paternalidade e parentalidade. Embora o termo tenha surgido nesta altura, ele só reaparece em 1985, através de René Clément. O conceito de parentalidade tenta demarcar que não basta ser progenitor, mas sim, que é necessário tornar-se pai e que isso requer um processo complexo, composto por processos conscientes e inconscientes do funcionamento mental. Assim, a experiência de se tornar mãe tem aspetos dinâmicos e processuais e chega mesmo a ser considerada uma fase de desenvolvimento psicoafectivo da mulher, marcada por transformações e conflitos (Houzel, 2004).

Numa perspetiva holística e intercultural, é importante ter em conta a dimensão da diversidade cultural, no que diz respeito à parentalidade, devido ao facto deste conceito ser entendido de formas diferentes consoante o contexto cultural em que é observado. Desta forma, as diferentes perspetivas relativamente à natureza da infância vão exercer influência no conceito de parentalidade e na forma como ele é encarado, tendo o percurso histórico e social de cada cultura um peso na forma como o referido conceito é definido e vivenciado pelos indivíduos (Ambert, 1994).

O processo da parentalidade é tão antigo quanto a própria humanidade e é um dos maiores desafios que o ser humano enfrenta no seu ciclo de vida. Inerentes à parentalidade, existem diversos tipos de dificuldade que são vivenciados pelos indivíduos, o que faz com que este assunto tenha sido alvo de numerosas investigações e publicações, direcionadas tanto aos pais, como aos profissionais (Houghughy & Long, 2004).

De acordo com a Convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990), existe uma responsabilidade, por parte dos pais ou das pessoas que têm uma criança a cargo, de assegurar as condições necessárias para o desenvolvimento da mesma, dentro daquelas que são as suas possibilidades financeiras e competências. O Estado deve assegurar que são tomadas as medidas necessárias ao cumprimento destas responsabilidades, o que inclui, a hipótese de ajuda material aos pais e/ou cuidadores destas crianças. Assim, é esperado que o desenvolvimento físico, psicológico e social das crianças seja facilitado pelos seus progenitores e, este princípio orientador da ação dos mesmos, leva à abordagem do conceito de “parentalidade”, dentro da comunidade científica, onde os processos e atividades parentais são assunto de interesse e de estudo (Barroso & Machado, 2010).

A parentalidade e as dimensões ligadas ao parentesco foram estudadas por diversas áreas do saber, como a Antropologia, a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia, e é nesta última,

que é possível encontrar uma vasta pesquisa no que diz respeito aos processos psíquicos e mudanças subjetivas que ocorrem nos pais a partir do momento em que ambicionam ter um filho. “A parentalidade é um termo relativamente recente, que começou a ser utilizado na literatura psicanalítica francesa a partir dos anos 60, para marcar a dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos” (Zornig, 2010, p. 453).

Existem diversas questões à volta deste tema, desde dúvidas relativas ao facto de ser algo inato ou aprendido, até aos aspetos que podem influenciar a parentalidade, passando por todas as perguntas relativas às mais diversas tipologias que a mesma pode assumir (pais em idade mais jovem, mais avançada, mães solteiras, casais com casos de abuso de drogas, doença mental, entre outras). Mas a realidade é que os pais criam vida, criam pessoas. E é, por isso, da sua responsabilidade a preparação destas crianças para as condições físicas, psicológicas, sociais e económicas que vão enfrentar ao logo do seu desenvolvimento e, em função das quais, idealmente, sejam capazes de se ajustar e desenvolver. Apesar de existirem diversos fatores a ter conta no desenvolvimento das crianças, os pais desempenham um papel de peso neste processo (Bornstein, 2002b).

Desta forma, a parentalidade tem a ver com as práticas, ações de educação e processos que os progenitores/cuidadores utilizam de forma a potenciar o desenvolvimento dos seus descendentes (Barroso & Machado, 2010).

A parentalidade pode ser encarada como uma dádiva, como fonte de prazer, privilégios e ganhos ou, por outro lado, como fonte de frustração, receios e falhas. Tornar-se pai e mãe pode ser um acontecimento que potencia o aumento de bem-estar, do desenvolvimento psicológico e da autoconfiança e, para além disso, também coloca os indivíduos face a novos desafios e testa as suas competências a diversos níveis (Bornstein, 2002b).

Na maior parte dos casos, os pais encaram a parentalidade como algo gratificante, no entanto, esta tarefa também é sinónimo de grandes desafios a nível emocional, intelectual e físico. Ser pai e mãe são papéis que envolvem um grande compromisso e disponibilidade para com a criança e nem todos os pais vivenciam estas experiências da mesma forma, o que faz com que o nível de competência percebido no desempenho destas funções possa variar de indivíduo para indivíduo (Coleman & Karraker, 1997).

Assim, o exercício da paternidade/maternidade envolve várias dimensões, sendo uma delas a forma como os pais percebem o seu nível de competência, satisfação e envolvimento no desempenho do papel parental (Ribas, Júnior & Valente, 2006).

De acordo com Bornstein et al. (1998), a percepção que os pais têm relativamente às suas competências parentais influencia a sua noção de *self*, o seu comportamento parental e, por sua vez, o desenvolvimento das crianças. Os pais que mostram um nível mais alto na sua percepção relativamente ao desempenho do papel parental, tendem a ter interações mais calorosas, sensíveis, responsivas e promotoras de desenvolvimento.

Os pais não se preocupam apenas com o bem-estar e desenvolvimento dos seus filhos, mas também têm preocupações ao nível do seu desempenho parental e procuram desenvolver as suas competências de forma a fazerem face aos desafios da parentalidade (Bornstein, 2007).

Houzel (2004) identifica três dimensões da parentalidade que funcionam a diferentes níveis e que são as seguintes: o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. O exercício tem a ver com os aspetos fundadores e organizadores da parentalidade, que situam a pessoa nos seus laços parentescos, transmitem regras e valores. A experiência tem a ver com o processo de parentalização e suas funções, abarcando as alterações que decorrem na transição para a parentalidade. Por último, a prática, que tem a ver com os aspetos mais

observáveis, as ações dos pais, as suas interações com os filhos e as tarefas do dia-a-dia. Estas três dimensões funcionam a níveis diferentes, articulando-se entre si e constituem o processo do desempenho do papel parental.

A parentalidade é influenciada por diversos fatores, como aspetos ligados à personalidade, à perceção das responsabilidades inerentes ao papel parental e à parte biológica (Bornstein, 1991). Existem estudos que abordam a questão da parentalidade intuitiva, ou seja, a possibilidade de alguns comportamentos parentais serem biologicamente inerentes ao ser humanos (Bornstein, 2002a; Papousek & Papousek, 2002).

Os fatores de natureza social também exercem influência sobre a parentalidade, no sentido em que variáveis como a situação familiar, o estatuto socioeconómico e a cultura, acabam por se refletir nos diversos estilos e práticas parentais (Bornstein, 1991). Assim, a configuração do sistema familiar, o nível de stress parental, a relação matrimonial dos pais e o seu suporte social, são alguns dos fatores sociais e de contexto que influenciam a parentalidade (Bornstein, 2002a).

Dimensões da parentalidade

Baseando-se nas investigações propostas por Bronfenbrenner (1979) e Belsky (1984), Hoghugh (2004) propõe um modelo concetual da parentalidade que a subdivide em 3 áreas: atividades parentais (conjunto de elementos que determinam e garantem um nível adequado de parentalidade), pré-requisitos (o que os pais necessitam para o desempenho do seu papel parental) e áreas funcionais (principais aspetos do funcionamento da criança). Este modelo permite ter indicadores que facilitam a determinação das competências e capacidades parentais e, também, pode funcionar como um mapa concetual orientador para investigações futuras.

As atividades parentais englobam as dimensões de cuidado, controlo e

desenvolvimento e visam a satisfação das necessidades da criança (Hoghughi, 2004). A dimensão do cuidado engloba a proteção da criança e a satisfação das suas necessidades. A dimensão do controlo relaciona-se com o estabelecimento de regras e limites e, por último, a dimensão do desenvolvimento tem a ver com as questões relacionadas com a criança ser capaz de atingir o máximo do seu potencial, nas diversas atividades e áreas da sua vida. De forma a que o desempenho dos pais seja eficaz, eles necessitam de possuir alguns pré-requisitos, que incluem o conhecimento (de forma a ajustar cada vez melhor as suas ações no sentido de as aproximar às necessidades da criança), a motivação (compromisso em ir de encontro às necessidades da crianças e utilizar o conhecimento adquirido para agir), os recursos (pessoais e materiais) e as oportunidades (de tempo e espaço) (Hoghughi, 1997, cit. por Reader, Duncan & Lucey, 2005; Hoghughi, 2004).

Ainda em relação aos recursos, Hoghughi (2004) coloca em evidências as qualidades parentais, as competências parentais, as redes sociais e os recursos materiais. Assim, o desempenho da atividade parental é influenciado pelas características dos pais, competências que os mesmos vão adquirindo (através de programas específicos, das suas experiências e/ou observações), qualidade do seu suporte social e recursos económicos que os mesmos possuem e que garantem a subsistência e o desenvolvimento da criança. Por último, as áreas funcionais englobam elementos referentes ao funcionamento da criança e que devem ser foco de atenção dos pais, tais como, a saúde física, a saúde mental, o comportamento social e o funcionamento educativo e intelectual.

Estilos Parentais

No relacionamento entre pais e filhos, é importante ter em conta a variável do comportamento parental. Uma das definições de comportamento parental é da autoria de Rutter (1989) e, segundo o autor, este comportamento diz respeito aos cuidados que são prestados às crianças e inclui diversas responsabilidades, tais como, a capacidade de providenciar um ambiente em que a criança se possa desenvolver adequadamente e a capacidade de resposta relativamente às diversas situações com as quais a criança se possa deparar (situações de desconforto, as interações sociais, determinados pedidos, situações de comportamentos disruptivos, conflitos e dificuldades). Desta forma, os pais necessitam de possuir competências variadas que permitam lidar com as diversas situações ao longo do desenvolvimento da criança e responder às diferentes necessidades que vão surgindo (Pires, 1990).

Existem várias definições de parentalidade na literatura, no entanto é possível encontrar um ponto consensual, que reside no facto de ser um processo maturativo de dois adultos que visam responder às necessidades dos seus filhos, através do desempenho do papel parental. O estudo dos estilos educativos parentais é uma das formas de abordar empiricamente a parentalidade (Simões, Farate & Pocinho, 2011).

Relativamente aos diversos estudos que têm sido feitos na área da parentalidade, a tipologia de classificação dos pais em três tipos de controlo (autoritativo, autoritário e permissivo), proposto por Diane Baumrind (1966), representou um marco importante e serviu como base para um novo conceito de estilos parentais, integrando aspetos emocionais e comportamentais. Por sua vez, Darling e Steinberg (1993), propuseram algumas reformulações ao conceito de estilo parental e sublinharam a importância de se fazer a distinção entre estilo parental e práticas parentais (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg,

2004).

Assim, estilo parental pode ser definido como a “constelação de atitudes face à criança, que lhe são comunicadas e que, em conjunto, criam um clima emocional no qual o comportamento dos pais é expresso” (Darling & Steinberg, 1993, p. 488). Estes comportamentos incluem aqueles que são específicos e orientados para um objetivo e aqueles que não o são, sendo que os primeiros dizem respeito às práticas parentais (através das quais os pais desempenham o seu papel parental) e os segundos dizem respeito a gestos, a simples mudança de tom de voz ou comportamentos espontâneos de expressão de emoções. Desta forma, ao analisarmos os estilos parentais podemos observar quais as práticas parentais exercidas pelos pais (Darling & Steinberg, 1993).

De acordo com Pacheco, Silveira e Schneider (2008, p. 67), existe uma menor variação nos estilos parentais do que nas práticas e os mesmos “caracterizam-se pela preponderância de alta ou baixa responsividade e exigência, assim como envolvem as atitudes, as práticas e as expressões que caracterizam a natureza das interações parentais”

No que diz respeito ao estudo da parentalidade, podem verificar-se duas dimensões principais do comportamento parental, sendo que uma tem a ver com aspetos afetivos e outra com aspetos relacionados com as normas. Estas dimensões estão na base dos tradicionais estilos educativos parentais (autoritativo, autoritário, permissivo e negligente) que partiram do trabalho de Diana Baumrind (1966), sendo inicialmente estudadas no âmbito da abordagem tipológica (Cruz, et al. 2011). Assim, a dimensão de suporte, aceitação e afeto (afeto-hostilidade) e a dimensão do controlo (permissividade-restritividade) tem estado refletida nos instrumentos de avaliação para estudo da relação entre pais e filhos (Canavarro & Pereira, 2007a), sendo a escala EMBU (Egna Minnen Beträffande Uppfostran - Parents version) um exemplo de um desses instrumentos (Castro et al., 1993; Arrindell, Emmelkamp,

Monsma & Brilman, 1983).

No seguimento destas ideias e segundo as definições de Rollin e Thomas (1979), Arrindell e Van der Ende (1984) fizeram a descrição de três dimensões de estilos parentais que podem ser avaliados através da escala EMBU, sendo eles o suporte emocional, rejeição e a sobreproteção (Canavarro & Pereira, 2007a; Pinto, Carvalho & Sá, 2014). A dimensão da sobreproteção é também designada, pelos autores Rollin e Thomas (1979), por tentativa de controlo (Canavarro & Pereira, 2007a).

De acordo com Canavarro e Pereira (2007b), estas três escalas correspondem às duas dimensões principais do comportamento parental, sendo que os fatores suporte emocional e rejeição correspondem aos dois polos existentes na dimensão de suporte, aceitação e afeto (afeto-hostilidade) e o fator sobreproteção/tentativa de controlo corresponde a um dos polos da dimensão do controlo (permissividade-restritividade).

A dimensão do suporte/afeto remete para os sentimentos de conforto, aceitação e aprovação que a criança experiencia através dos comportamentos que os pais têm para com ela. Desta forma, o suporte/afeto parental traduz-se em comportamentos de carinho e responsividade, adaptados às necessidades da criança, existindo um ambiente de expressão de afeto e reforço positivo, de aceitação e sensibilidade. A dimensão controlo engloba os comportamentos dos pais no sentido de direcionar o comportamento da criança para os fins por eles desejados (Simões et al., 2011).

Baumrind (1966) foi uma pioneira na área do estudo da abordagem tipológica da parentalidade (Beato, Pereira & Barros, 2016). O seu trabalho está na base de diversas investigações na área dos estilos parentais (Vasconcelos-Raposo, Teixeira, Lima & Monteiro, 2015). A autora publicou os seus primeiros estudos em 1966 e verificou que a dimensão da responsividade e do controlo eram importantes no exercício da parentalidade (Pacheco et al.,

2008). Partindo destas duas dimensões, a autora identificou três tipos de estilos parentais, sendo eles, o estilo autoritativo, o autoritário e o permissivo (Zeinali, Sharifi, Enayati, Asgari & Pasha, 2011).

O estilo autoritativo tenta usar a racionalidade e a objetividade na forma como se relaciona com a criança, incentivando a comunicação e partilha de ideias relativamente aos motivos que estão por trás da forma como os pais agem e encorajam a criança a falar sobre o porquê de não querer fazer algo que lhe é solicitado ou de comportar-se de determinada forma. Apesar de manter firme o controlo nos pontos de discordância com a criança, faz valer a sua perspectiva de adulto, mas tendo em conta os interesses e as características particulares da criança. O estilo permissivo é marcado por um comportamento de aceitação e não punitivo, em que uso do controlo e de regras é escasso e os pais funcionam como um meio para a satisfação dos desejos da criança, ao invés de uma figura responsável por moldar o comportamento, atual ou futuro, da mesma. O estilo autoritário exerce um comportamento de punição, valoriza a obediência, para além de que interpreta, molda e controla o comportamento da criança baseando-se num conjunto de regras tendencialmente absolutas (Baumrind, 1966).

Num estudo posterior, Baumrind (1971) identificou um quarto estilo parental, que passou a denominar-se como negligente e que apresentava baixos níveis tanto de afeto como de controlo (Miguel et al., 2009).

Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) dividiram o estilo permissivo em dois, que chamaram de estilo indulgente e estilo negligente (Miguel et al., 2009) e reformularam as duas dimensões do comportamento parental, passando a denomina-las como responsividade (*responsiveness*) e exigência (*demandingness*), construindo assim um modelo bidimensional (Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, cit. por Beato et al., 2016; Zeinali et al.,

2011). A dimensão responsividade tem a ver com a rejeição versus suporte e a dimensão exigência refere-se à presença de um controlo comportamental rígido versus a ausência do mesmo (Beato et al., 2016).

Para Maccoby e Martin (1983, cit. por Cardoso & Veríssimo, 2013, p. 394), a responsividade “pode ser referente ao reforço contingente, controlo ou à sensibilidade e adaptação aos sinais, estados e necessidades da criança”. Também Baumrind acabou por assinalar as dimensões responsividade e exigência, e para a autora a responsividade refere-se “à medida em que os pais intencionalmente promovem a individualidade, autorregulação e autoafirmação da criança, através do apoio, afeto, suporte emocional, complacência e sintonia com as necessidades e exigências da criança”. A dimensão exigência relaciona-se com a prontidão para confrontar uma criança que apresente um comportamento desafiante e exigir dela uma maior maturidade (Baumrind, Larzelere & Owens, 2010).

De acordo com Beato et al., (2016, p. 5), “os pais autoritativos são exigentes e responsivos, os pais autoritários são exigentes mas não responsivos e os pais negligentes não são responsivos nem exigentes”. Por último, os pais indulgentes são responsivos e não exigentes (Miguel et al., 2009).

Existem vários estudos na literatura que procuraram explorar a influência destes estilos parentais no ajustamento e desenvolvimento das crianças. Podem verificar-se evidências que apontam no sentido do estilo autoritativo conduzir a resultados mais positivos (Pereira, Canavarro, Cardoso & Mendonça, 2009), tais como, estabilidade emocional, competência e ajustamento, e, por outro lado, o estilo negligente tende a associar-se a piores resultados em diversas áreas do desenvolvimento das crianças (Beato et al., 2016).

Desta forma, verifica-se que a relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento das crianças e adolescentes já é um tema bastante estudado (Miguel et al., 2009), pelo que se

achou pertinente explorar uma área diferente ligada aos estilos parentais. Assim, o foco deste estudo exploratório é relativo não à influência que os estilos parentais têm nas crianças, mas sim à relação que o suporte social dos pais tem nos seus estilos parentais.

Diferenças de gênero e idade na parentalidade

A relação entre a parentalidade e os resultados a nível de desenvolvimento das crianças e adolescentes tem sido um tema bastante estudado, no entanto, as diferenças entre pais e mães ao nível do seu estilo parental, é um tema com menos destaque ao nível da literatura (Mckinney & Renk, 2008).

A questão do género tem sido uma área sobre a qual os investigadores têm prestado muita atenção, visto ser uma dimensão importante no que diz respeito às relações familiares. Os pais e as mães apresentam ideias diferentes em diversas áreas, como por exemplo, na satisfação com o casamento, no poder de decisão (Walker, 1999) e nas suas características e estilos parentais (tendencialmente, as mães demonstram ser uma fonte de maior afeto e suporte comparativamente com os pais) (Mckinney & Renk, 2008). Tem sido frequente a ideia de que as mulheres e os homens desempenham determinados papéis e comportam-se de determinada forma, de acordo com o seu género (Walker, 1999).

Existem evidências que sugerem que as mães, comparativamente com os pais, consideram que exercem maior influência relativamente aos seus filhos (Grigorenko & Sternberg, 2000) e que a idade tanto dos pais, como dos filhos, pode exercer influência ao nível dos estilos parentais (Baumrind & Black, 1967; Smetana, 1995).

Grigorenko e Sternberg (2000), num estudo com 745 pais com idades entre os 27 e os 55 anos de idade e com filhos adolescentes, observaram que as mães se apresentavam como mais responsivas, autoritativas e indulgentes e, por sua vez, observou-se que os pais se mostravam mais exigentes e autoritários. Para além disto, também verificaram que os pais

mais velhos se apresentavam com níveis mais elevados de aceitação e de exigência.

De acordo com Thompson e Walker (1989), as mães tendem a mostrar níveis mais altos de envolvimento e empenho do que os pais e, cada um deles, apresenta um estilo parental diferente, relativamente à sua interação com as crianças. Por sua vez, num estudo de Castro et al. (1997), verificou-se que as mães tendem a perceber-se como tendo níveis mais elevados de suporte emocional e de controlo sobre os filhos, comparativamente com os pais.

Por sua vez, num estudo de Canavarro e Pereira (2007a) foi possível observar que as mães apresentavam níveis mais elevados em todas as dimensões do comportamento parental, o que pode sugerir a existência de um maior envolvimento parental por parte das mesmas. As autoras também observaram que quanto maior a idade dos pais, menor é a sua perceção relativamente a comportamento de rejeição e de controlo, no que diz respeito aos seus filhos. Assim, foi possível verificar a existência de associações entre as idades dos pais e diferentes dimensões dos estilos parentais.

De acordo com Simões et al. (2011), existe uma variação no nível de perceção das mães e dos pais relativamente ao suporte emocional, tentativa de controlo e rejeição, sendo que as mães são as que percebem níveis mais elevados em todas as dimensões.

Por sua vez, Russel et al. (1998), observaram a existência de diferenças ao nível do estilo parental materno e paterno e baseando-se na tipologia de Baumrind, os autores verificaram que os pais tendiam a usar um estilo mais autoritário e as mães tendiam a usar um estilo mais autoritativo.

Uma possível explicação para o facto de as mães surgirem mais associadas a um estilo parental autoritativo e, por outro lado, os pais a um estilo mais autoritário, pode prender-se com, o conceito de expressividade e instrumentalidade, em que o primeiro tende a associar-se

mais às mulheres e, o segundo, mais aos homens. Assim, “a masculinidade surge mais associada a uma orientação instrumental e a feminilidade tende a associar-se com uma orientação expressiva, uma preocupação afetiva com o bem-estar dos outros”. (Bem, 1974, p. 156).

De acordo com Conrade e Ho (2001), as diferenças de género entre pais e mães já tinha sido identificada por Baumrind (Baumrind & Black, 1967), mas só mais recentemente é que se começou a prestar mais atenção a este facto, que ficou evidenciado em pesquisas que sugeriam o estilo autoritativo era mais comum nas mães do que nos pais (Conrade & Ho, 2001; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005), o que vai no mesmo sentido do estudo de Russel et al. (1998).

O estudo de Conrade e Ho (2001) sugeriu, também, que o nível de responsividade das mães é superior ao dos pais, sendo que as mesmas tendem a apresentar mais comportamentos de afetividade e envolvimento, de explicação das regras e de discussão das consequências face aos comportamentos dos seus filhos. Bögels e Phares (2008) evidenciaram que os pais e mães se comportam de forma diferente perante os seus filhos e que algumas das características masculinas, de natureza biológica e social, podem surgir como fator predisponente para a forma como os pais tratam os seus filhos e, por sua vez, podem justificar algumas diferenças existentes relativas ao comportamento das mães.

De acordo com Reis (1989), o grau de maturidade e de bem-estar psicológico dos pais tende a surgir associado à capacidade de prestar, às crianças, cuidados mais adequados e promotores de crescimento. Existem evidências que apontam no sentido da idade das mães exercer influência nos padrões de relacionamento com os filhos, na medida em que, os níveis de satisfação com o papel maternal e os comportamentos mais adequados às necessidades das crianças tendem a ser mais altos consoante a idade das mães é também mais alta. Num estudo

da mesma autora, que reuniu dados de 652 mães, com idades entre os 16 e os 25 anos, foi possível verificar que as mães mais velhas apresentavam níveis mais alto de conhecimento relativamente ao desenvolvimento infantil e mostravam comportamentos menos punitivos.

De acordo com Bornstein (2006), estudos que comparam mães mais velhas com mães adolescentes, relativamente às práticas parentais, indicam que, quanto mais novas forem as mães, menores são também os níveis de competência e o grau de adequação do ambiente.

De acordo com Becker (1987), as diferenças entre o nível de responsividade e a idade materna foi documentada em alguns estudos. Num estudo longitudinal realizado por Fergusson e Woodward (1999), com 1265 crianças observadas desde a nascença até aos 18 anos de idade, destinado a observar o efeito da idade materna e os resultados obtidos pelas crianças a nível educacional e psicossocial, verificou-se que as mães mais velhas tendiam a proporcionar um ambiente de maior cuidado, suporte e estabilidade, do que as mães mais novas. Estes resultados também vão de encontro aos observados por Garcia-Coll, Hoffman e Oh (1987).

Verificou-se uma escassez de literatura relativamente à associação da idade dos pais com os seus estilos parentais, sendo que os estudos que existem prendem-se mais com a parentalidade na adolescência e os resultados ao nível do desenvolvimento infantil. Assim, este estudo visa explorar esta variável, bem como a do género dos pais, e o seu possível impacto ao nível dos estilos parentais.

Suporte social na parentalidade

O comportamento parental é um assunto que tem sido alvo de inúmeros estudos, devido ao facto de se tratar de uma variável de grande importância no que diz respeito à compreensão do ser humano e do seu funcionamento (in) adaptativo (Canavarro & Pereira, 2007a). O mesmo pode ser influenciado por diversos fatores, sendo que, de acordo com o modelo das relações parentais de Jay Belsky (1989), as três fontes de influência são as seguintes: características pessoais do próprio sujeito, nomeadamente a sua personalidade e a sua história de desenvolvimento, características da própria criança e fatores do contexto social em que os pais e as crianças estão inseridos, nomeadamente a relação conjugal, o suporte social e atividades ocupacionais e o emprego dos pais. Todos estes aspetos vão influenciar o funcionamento parental e, conseqüentemente, o desenvolvimento da criança (Belsky, 1984; Belsky & Vondra, 1989).

De acordo com Ornelas (1994, p. 333), “os estudos de Caplan (1974), Cassel (1974 e 1976) e Cobb (1976), constituem as principais bases para a conceptualização e investigação do suporte social nas últimas décadas”. Estas três autoras estudaram questões fundamentais para a conceptualização do conceito de suporte social e levantaram outras, que direcionaram as investigações futuras sobre o tema, colocando assim, o suporte social como um dos temas em foco dentro da intervenção social.

O termo suporte social tem sido avaliado e definido de diversas formas (Heaney & Israel, 2008). Para Caplan (1974, cit. por Wilcox & Vernberg, 1985), o suporte social consiste num “contínuo de agregados sociais que fornecem aos indivíduos possibilidades de feedback sobre si mesmos e validação relativamente às suas expectativas sobre os outros”. Este suporte social é visto como fonte de prestação de informações, de orientação e de apoio, em alturas de necessidade. Por sua vez, Cobb (1976, p. 300) define suporte social como “a informação

que leva o sujeito a acreditar que ele é cuidado e amado, estimado e membro de uma rede de obrigações mútuas”.

Cramer, Henderson e Scott (1997) salientaram duas dimensões do suporte social, sendo elas o suporte social percebido e o suporte social recebido. O primeiro tem a ver com a percepção que o indivíduo tem da existência desse suporte e da sua disponibilidade, enquanto que o segundo diz respeito ao suporte efetivo a que o indivíduo tem acesso.

O conceito de suporte social relaciona-se com a ligação entre o indivíduo e o ambiente social em que está inserido, contemplando, assim, a comunidade, a rede social e as relações de intimidade e de confiança. Assim, o suporte social constitui-se como o apoio percebido ou efetivo que é prestado pela comunidade, rede social e relações de intimidade (Lin, 1986).

O suporte social contribui para um ajustamento adequado e para o desenvolvimento pessoal e constitui-se como um fator de proteção contra os efeitos negativos do stress. Uma definição usual deste conceito consiste na “existência ou disponibilidade de pessoas com as quais podemos contar e que nos fazem sentir que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983).

O suporte social pode ser caracterizado em quatro comportamentos ou ações de suporte, sendo elas o suporte emocional (presença de sentimentos de empatia, amor e confiança) o suporte instrumental (ajuda imediata, objetiva e observável prestada ao indivíduo que dela necessita), suporte informativo (informações, sugestões ou conselhos oferecidos aos indivíduos como forma de os ajudar a lidar com as suas dificuldades) e, por último, o suporte de avaliação (relacionado com o apoio na avaliação e tomada de decisão) (Berkman & Glass, 2000; House, 1981).

A fonte de suporte social prestado ao indivíduo pode advir de várias pessoas distintas, destacando-se os próprios membros familiares, parentes da família mais extensa, amigos,

companheiros, vizinhos e profissionais, que podem prestar auxílio de diversas formas, desde o fornecimento de apoio financeiro e/ou material, até ao suporte emocional. Desta forma, o suporte social recebido e percebido são dois aspetos essenciais no que diz respeito à saúde mental (Dessen & Braz, 2000).

Ao conjunto de pessoas, incluindo familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho e outras pessoas com quem o indivíduo estabelece contacto, denomina-se por rede de contactos sociais. Estas pessoas tanto podem ser fonte de stress como fonte de apoio, seja ele instrumental ou emocional, e este apoio tem uma associação com o bem-estar psicológico, com atitudes mais positivas e comportamentos mais competentes. Por outro lado, a sua ausência traz consequências negativas, causando os efeitos opostos (Pires, 1990).

Desta forma, as necessidades de suporte dos indivíduos podem ser satisfeitas através das suas relações de amizade ou familiares. Estes dois tipos de relações apresentam diferenças significativas e as pessoas que dela fazem parte também vão mudando. Isto porque, ao longo da vida, o indivíduo pode passar por mudanças que fazem com que se aproxime ou afaste mais dessas suas redes de suporte, sendo que a competência social do mesmo também desempenha um papel importante na criação e manutenção destas relações, o que se verifica ainda mais marcadamente nas relações de amizade (Procidano & Heller, 1983).

A vida dos indivíduos compõe-se por diversas áreas, tais como, a escolar, profissional, familiar, relacionamentos de amizade, passatempos e interesses, entre outros. A forma como os indivíduos participam nestas diversas áreas e a qualidade das suas identidades sociais pode ser relacionada com a saúde mental. O envolvimento dos indivíduos nas diferentes áreas da sua vida pode ser afetado pela qualidade das suas interações com os membros da sua rede social. Deste modo, por exemplo, a qualidade da relação estabelecida entre um indivíduo e o

seu cônjuge vai definir a qualidade do envolvimento desse mesmo indivíduo com a área matrimonial da sua vida e pode, também, influenciar a relação com os filhos, ou vice-versa, ou seja, ser essa relação com os filhos a refletir-se na área matrimonial (Hirsch, 1985).

Dentro do suporte social, o suporte familiar pode ser considerado como uma das mais importantes fontes de apoio contra as adversidades que ocorrem na vida dos indivíduos (Baptista, 2005).

Os laços afetivos que se estabelecem entre os membros da família surgem como fonte de apoio psicológico e social, que ajuda os indivíduos a lidar com as dificuldades e problemáticas do dia-a-dia (Oliveira & Bastos, 2000). De acordo com Dessen e Polonia (2007, p. 25), “os padrões de relações familiares relacionam-se intrinsecamente a uma rede de apoio que possa ser ativada, em momentos críticos, fomentando o sentimento de pertença, a busca de soluções e atividades compartilhadas”.

Miller e Darlington (2002) realçaram a importância dos familiares e amigos na prestação de suporte aos indivíduos. No seu estudo, relativamente ao suporte prestado por membros da família ou por não membros, verificaram que os indivíduos tendiam a confiar nos seus familiares e amigos para obtenção de suporte emocional e informativo. Os pais surgiram, também, como fonte de suporte material e instrumental.

Por sua vez, D’Abbs (1991) verificou que os membros da família tendiam a surgir como fonte de apoio emocional, instrumental e material, sendo que eram fundamentais a nível do suporte emocional. Wellman e Wortley (1990) também realizaram um estudo semelhante e reforçaram os familiares como fonte de vários tipos de suporte, verificando que os pais surgem, mais uma vez, como meio mais provável de suporte financeiro.

Desta forma, as famílias assumem um papel de destaque na prestação de suporte aos indivíduos. Esta relevância deve-se ao facto da família desempenhar um papel de mediador

entre o indivíduo e a sociedade e ter como função, entre outras, a de prestação de recursos e meios para a satisfação das necessidades dos indivíduos. Para além disto, a família ainda desempenha um importante papel na proteção dos seus membros e minimização dos impactos sociais na vida dos mesmos (Mombelli, Costa, Marcon & Moura, 2011).

No campo da amizade, vários autores falam de conceitos como proximidade, intimidade ou apoio, como aspetos essenciais neste tipo de relações, o que funciona como fonte de suporte emocional para os indivíduos (Larson, Mannell & Zuzunek, 1986).

De acordo com Lefcourt (1985), outro fator importante no que diz respeito ao suporte social tem a ver com o conceito de intimidade, que se relaciona com aspetos como a familiaridade, a afetividade e o sentimento de pertença. No seu estudo, o autor baseou-se no conceito de pertença sugerido por Cohen e Hoberman (1983), descrito como um dos aspetos do suporte social e defendeu que a existência de uma relação íntima com outra pessoa pode funcionar como meio de suporte do indivíduo, aumentando a sua resistência ao stress. Por sua vez, Berkman (1995) sugere que o suporte social, como meio promotor de saúde, deve proporcionar aos indivíduos um sentimento de pertença e de intimidade.

Assim, o nível de satisfação do indivíduo com o seu suporte social, nomeadamente com o apoio de familiares, amigos e nível de intimidade, vai exercer influência no ajustamento psicológico do mesmo (Coelho & Ribeiro, 2000).

De acordo com Baptista et al. (2006), as atividades sociais também desempenham um importante papel de suporte, na medida em que exigem a presença de relacionamentos interpessoais. Um afastamento entre os indivíduos e estas mesmas atividades, pode resultar em danos ao nível da sua saúde mental. Num estudo realizado por estes autores, pode verificar-se a associação entre sintomas depressivos e atividades sociais praticadas pelos indivíduos, ou seja, quanto maior o número de atividades sociais, menor foram os resultados

obtidos no instrumento utilizado para avaliação dos níveis de depressão.

Numa revisão de literatura efetuada por Langford, Browsher, Maloney e Lillis (1997), foi possível verificar a existência de algumas consequências do suporte social para a vida dos indivíduos, nomeadamente ao nível da competência pessoal, comportamentos de manutenção da saúde e de enfrentamento das situações, controlo percebido, estabilidade, autoconceito, afetos positivos, bem-estar psicológico e redução de sintomas de ansiedade e depressão.

Jennings, Stagg e Connors (1991) encontraram efeitos positivos do suporte social no comportamento maternal, através do estudo de 44 mães que foram entrevistadas relativamente às suas redes pessoais (pessoas importantes na vida das mães) e maternais (pessoas importantes relativamente ao seu papel enquanto mães). Os resultados evidenciaram que as mães que demonstravam ter níveis superiores de satisfação com o seu suporte social exibiam comportamentos maternais mais adequados, sendo menos intrusivas e menos controladoras.

A adaptação ao papel parental pode ser influenciada por diversos fatores, sendo que o suporte social, o stress e o controlo pessoal, surgem como possíveis fatores de risco para o insucesso no referido processo de adaptação. Parecem existir evidências que sustentem a noção de que o suporte social ocupa um lugar relevante na diminuição da probabilidade de ocorrência de comportamento desadaptativos, no que diz respeito à parentalidade (Turner & Avison, 1985).

Neste sentido, Turner e Avison (1985), realizaram um estudo longitudinal em que a amostra era composta por um grupo de 293 mulheres (que tinham sido mães recentemente), com idades entre os 17 e os 44 anos de idade e em que a recolha de dados ocorreu em três momentos diferentes (nos períodos de 2 a 4 semanas, 12 meses e 6 meses após o parto). O outro grupo era composto por 78 mães, com idades entre os 18 e os 59 anos de idade, que

apresentavam questões comportamentais desadaptativas identificadas, relativamente ao seu papel parental. O objetivo do estudo prendia-se com a exploração dos efeitos do suporte social ao nível da parentalidade problemática e foi possível verificar uma relação evidente entre o nível de suporte social experienciado e percebido e o grau de adaptabilidade ao papel parental. Desta forma, observou-se que o suporte social desempenha um papel de grande relevância ao nível da adaptação à parentalidade.

Newberger et al. (1977) verificaram que as situações de abuso surgem relacionadas com a presença de um suporte social deficitário. Num estudo de Polansky et al. (1979) foram comparadas dois grupos de famílias, sendo que um deles correspondia a famílias consideradas negligentes e o outro a famílias que não se encontravam nessa categoria. Os resultados sugerem que o grupo das famílias negligentes apresentam níveis mais baixo de participação social formal e informal obtiveram pontuações mais baixas numa escala que visa avaliar o grau de adequação da rede social básica.

Deste modo, verifica-se a existência de literatura que sugere que o suporte social pode surgir como uma variável de importância no que diz respeito à adaptação ao papel parental e, ainda, também é possível verificar uma associação evidente entre o mesmo e a saúde mental, o que reforça a relevância do suporte social na questão da parentalidade problemática (Reis, 1989; Turner & Avison, 1985).

Outro aspeto evidenciado na literatura tem a ver com o facto de pais abusivos tenderem a ter experienciado, na sua infância, um ambiente marcado pela ausência de suporte emocional e, por outro lado, é possível verificar uma associação entre o suporte social e um ambiente familiar mais acolhedor (Turner & Avison, 1985). As situações de privação a nível social conduzem, muitas vezes, a uma maior incapacidade parental para cuidar devidamente de uma criança (Spinetta & Ringler, 1972).

Um estudo realizado por Colletta (1979) com três grupos de mães (dois dos grupos eram composto por mães divorciadas pelo menos há um ano, mas com rendimentos mensais diferentes e o outro grupo era composto por mães casadas com um rendimento mensal igual ao do primeiro grupo). Numa metodologia de entrevista aberta, o estudo procurou explorar o suporte social, a satisfação com o mesmo e as práticas educativas utilizadas pelas participantes. Com base nos dados recolhidos, a autora concluiu que as “mães que receberam a menor quantidade de apoio total tenderam a ter mais regras familiares e a usar técnicas de punição mais autoritárias” (Colletta, 1979, p. 843).

Num estudo com mães adolescentes, de Lee e Colletta (1983, cit. por Belsky & Vondra, 1989), foi possível verificar resultados semelhantes, na medida em que as mães que se mostravam satisfeitas com o seu suporte social exibiam comportamentos mais carinhosos e afetuosos com os seus filhos, enquanto que as mães insatisfeitas com o seu suporte social tendiam a exibir comportamentos de hostilidade, rejeição e indiferença, relativamente aos seus filhos. A literatura sobre este tema faz a ligação entre estes dois tipos de comportamentos parentais e a competência ou incompetência da criança, ou seja, atenção/responsividade e estilo autoritário, respetivamente. E isto torna interessante os resultados obtidos no estudo anteriormente referido, no sentido em que parece evidenciar o papel que o suporte social desempenha ao nível parentalidade competente (Belsky, 1984; Cochran & Brassard, 1979; Unger & Powell, 1980).

A associação entre a parentalidade e o suporte social é algo que se evidencia, visto que o suporte social tem sido repetidamente associado ao bem-estar dos indivíduos e se “conceptualizarmos a parentalidade promotora de crescimento como uma dimensão da saúde mental, então a ligação entre a parentalidade e o suporte social pode ser uma das formas em que a relação entre suporte e bem-estar se manifesta” (Belsky & Vondra, 1989, p. 173).

Belsky (1984) apresentou um modelo sobre as possíveis determinantes da parentalidade, como já referido anteriormente, que colocava diversos fatores como estando na base do comportamento parental. De acordo com o mesmo autor, existem dois tipos de suporte social que afetam as práticas parentais, sendo eles o suporte social geral (percepção da disponibilidade de um familiar ou amigo para ouvir os indivíduos) e o suporte social específico para a parentalidade (percepção da disponibilidade de um familiar ou amigo para oferecer conselhos a nível parental) (Belsky, 1984; Bonds, Gondoli, Sturge-Apple & Salem, 2009). Assim, fontes de stress e de suporte podem influenciar o comportamento parental, de uma forma direta (suporte social específico para a parentalidade) ou indireta (suporte social geral), sendo que a segunda diz respeito à influência que é exercida sobre o bem-estar psicológico dos pais que, por sua vez, vai influenciar o seu comportamento parental (Belsky, 1984).

De acordo com a perspectiva de Bronfenbrenner (1977), para uma melhor compreensão do indivíduo, deve ter-se em conta os diversos contextos em que o mesmo se insere, as relações que estabelece e os vários contextos em si. Assim, a noção de suporte social como variável de influência na parentalidade, pode surgir como dimensão presente nos diversos contextos pelos quais os indivíduos se movimentam e, de acordo com Belsky (1984), vai refletir-se na forma como os mesmos agem, nomeadamente ao nível do seu comportamento parental. De acordo com Flaherty e Richman (1989), os comportamentos parentais:

São uma área óbvia para exploração do suporte social, na medida em que a relação entre pais e filhos é tanto uma ilustração vívida da capacidade de prestação de suporte, como uma fonte provável para o desenvolvimento das necessidades de suporte e de estimulação de capacidades. (p. 1222)

Deste modo, parece que o suporte social desempenha um papel relevante no

desempenho da parentalidade, devido a ser uma fonte de partilha de conhecimentos, de sentimentos, de validação e de satisfação de necessidades (Moncher, 1995, cit. por Ortega, 2002).

As evidências encontradas na literatura apontam para o facto da qualidade das redes de suporte social dos pais se refletir nas suas competências parentais, sendo mais ou menos adequadas, consoante essa qualidade é, também, maior ou menor. A perceção de suporte social que os pais apresentam relaciona-se com aspetos da parentalidade, tais como, a responsividade, a satisfação com o papel parental e a afetividade (Crittenden, 1985).

Objetivos

Como variáveis desta investigação pode identificar-se uma variável dependente: os estilos parentais e três variáveis independentes: o suporte social, o género (feminino, masculino) e a idade (até aos 35 anos, 36-45 anos, 46 ou mais anos) dos pais.

Este estudo pretende analisar a relação entre o suporte social e os estilos parentais e verificar se os mesmos são influenciados por dois fatores demográficos relacionados com os progenitores (género e idade). Assim, o objetivo geral desta investigação prende-se com o estudo do impacto que o suporte social dos pais tem nos seus estilos parentais. E como objetivos específicos pretende-se:

- 1) Analisar a perceção que os pais têm sobre os seus estilos parentais;
- 2) Analisar o nível de satisfação dos pais relativamente ao seu suporte social;
- 3) Analisar se a perceção dos pais relativamente ao seu suporte social tem influência ao nível dos seus estilos parentais;
- 4) Verificar se o género dos pais influencia os seus estilos parentais;
- 5) Verificar se a idade dos pais tem influência ao nível dos seus estilos parentais.

Através da revisão de literatura efetuada, verificou-se uma escassez de estudos que relacionem o suporte social dos pais com os seus estilos parentais, sendo que a informação disponível incide mais ao nível da forma como o suporte social contribui para o bem-estar dos pais e, conseqüentemente, se reflete ao nível da sua relação com os filhos.

Verificou-se, também, que poucos são os estudos que exploram essas diferenças relativamente ao género e idade dos progenitores. A idade e género dos filhos são variáveis que se refletem ao nível dos estilos parentais, no entanto, dado que já existe literatura nesse sentido, considerou-se pertinente optar por explorar as diferenças de género e idade, referentes aos pais.

Metodologia

Amostra

Tendo em conta os objetivos propostos, optou-se por utilizar uma abordagem quantitativa, que permite medir variáveis num determinado universo, através de uma amostra que seja representativa do mesmo (Gil, 2008) e que permite trazer “à luz dados, indicadores e tendências observáveis” (Serapioni, 2000, p. 188).

Para a seleção dos participantes foi utilizado o método de amostragem não probabilística, por conveniência, procedendo-se à seleção dos locais onde se encontravam progenitores de crianças e jovens com idades compreendidas dentro da faixa etária pretendida para esta investigação. Para além destes locais selecionados, foi também disponibilizado um link do questionário para preenchimento online. Assim, participaram no presente estudo um total de 1096 pais e mães com filhos com idades entre os 6 e os 16 anos de idade.

A seleção dos participantes do estudo foi efetuada através dos seguintes critérios de inclusão: (1) ser pai ou mãe, (2) ter pelo menos um filho cuja idade fosse compreendida entre os 6 e os 16 anos de idade. Como critérios de exclusão vão considerar-se: (1) o indivíduo não é pai ou mãe, (2) não tem pelo menos um filho cuja idade fosse compreendida entre os 6 e os 16 anos de idade.

Os dados obtidos através de 1212 questionários recolhidos presencialmente e online foram rigorosamente analisados, o que resultou na exclusão de 116 sujeitos, obtendo-se, assim, um total de 1096 sujeitos para a amostra. O critério de exclusão de sujeitos foi o seguinte: indivíduos que não preencheram pelo menos 80% dos questionários.

Os participantes deste estudo têm idades entre os 20 e os 80 anos de idade ($M=41,65$ e $DP=5,92$), sendo que 78% são do sexo feminino ($n=855$) e 22% do sexo masculino ($n=241$). Assim, verifica-se que não existe um equilíbrio entre o número de participantes do sexo

feminino e masculino, sendo que os primeiros são consideravelmente superiores aos segundos.

Relativamente à idade, verificou-se que apenas 1090 dos 1096 participantes responderam a esta questão e, em relação à questão do género, obteve-se 100% das respostas. Assim, verifica-se que, em algumas das variáveis deste estudo, o número total de respostas não coincide com o total dos participantes da amostra, devido ao facto de nem todos terem preenchido a totalidade do questionário. No entanto, como já anteriormente explicado, foram contabilizados todos os sujeitos que responderam a pelo menos 80% das questões, o que faz com que existam alguns dados em falta para alguns dos participantes.

Os dados referentes à amostra foram obtidos a partir de um questionário sociodemográfico preenchido por cada um dos participantes.

Instrumentos

O avaliador quantitativo “necessita de instrumentos estruturados (como questionários ou entrevistas estruturadas) com categorias standardizadas que permitam encaixar as respostas individuais” (Coutinho, 2004, p. 441). De acordo com o mesmo autor:

Os estudos quantitativos utilizam uma metodologia hipotético-dedutiva, segundo a qual a explicação causal e a previsão se regem por uma lógica dedutiva: a pesquisa está referenciada a uma teoria que fundamenta e justifica as tentativas de explicação para os fenómenos em análise (as hipóteses de investigação); o passo seguinte é recolher dados e testar a hipótese que será aceite ou rejeitada. (p. 440)

Com o objetivo de relacionar o suporte social dos pais com os seus estilos parentais, a escolha por um metodologia quantitativa pareceu pertinente, visto que permitiu reunir uma amostra de tamanho considerável (n=1096) e, através da análise dos dados estatísticos, torna-se possível explorar o comportamento das duas variáveis e a forma como a primeira

influencia a segunda, de modo a conseguir alcançar os objetivos de estudo formulados para a questão de investigação apresentada.

Assim, um questionário pode ser definido como uma técnica de investigação que é composta por um conjunto de questões que são apresentadas a um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos e que visa a obtenção de informações sobre o(s) mesmo(s). A construção dos questionários visa traduzir os objetivos da pesquisa em forma de questões específicas e as respostas vão permitir a recolha de dados para descrição de determinada população ou para testagem das hipóteses previamente formuladas (Gil, 2008).

Em primeiro lugar, nesta investigação foi utilizado um questionário sociodemográfico (anexo A) que visa a recolha de informação social e demográfica dos participantes, constituindo-se como uma ferramenta que permite obter mais conhecimento, dentro do âmbito do estudo, sobre os mesmos. A recolha destes dados permite, também, que se faça uma análise da relação destas variáveis com outras avaliadas na investigação em causa, possibilitando assim a comparação de dados.

Para além do questionário sociodemográfico, foram aplicados mais dois instrumentos – o EMBU-P (Castro, Pablo, Gómez, Arrindell, & Toro, 1997; adaptado por Canavarro & Pereira, 2007a) e a Escala de Satisfação com o Suporte Social (Ribeiro, 1999).

Este estudo integra uma investigação de maior dimensão, na área da parentalidade e das competências parentais, cujo objetivo consiste na exploração de diversas variáveis que podem exercer influência ao nível das competências parentais, nomeadamente, os estilos parentais, a resiliência, o funcionamento da família, o suporte social, a saúde mental e, também, pretende explorar qual o impacto que as mesmas têm na qualidade de vida dos filhos. Assim, o questionário utilizado para a recolha de dados foi construído em parceria com outros investigadores, no âmbito do projeto anteriormente mencionado e, neste estudo

específico, foram utilizados apenas os instrumentos atrás referidos.

Estilos Parentais

A escala EMBU-P (EMBU Pais), é a versão portuguesa da escala Egná Minnen Beträffande Uppfostran - Parents version, da autoria de Castro, Pablo, Gómez, Arrindell, & Toro (1997). A versão portuguesa do EMBU-P foi validada para a população portuguesa por Canavarro e Pereira (2007a), através de um estudo conduzido com 287 pais e 401 mães de 442 crianças com idades entre os 8 e os 11 anos, que frequentavam o 3º e 4º ano de escolaridade do ensino básico em escolas de diferentes áreas geográficas do país (anexo B).

Este instrumento é composto por 42 itens e pretende avaliar os estilos parentais educativos, segundo a perceção dos progenitores. Esses 42 itens são avaliados numa escala de Likert, com quatro alternativas de resposta (1: “não, nunca”; 2: “sim, às vezes”; 3: “sim, frequentemente”; 4: “sim, sempre”) e estão divididos em três dimensões, sendo elas o suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo (Pereira, Barros & Beato, 2013).

A dimensão do suporte emocional é constituída por 14 itens (1, 10, 16, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 36, 40, 41 e 42) que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos mesmos. A dimensão da rejeição é composta por 17 itens (2, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 25, 31, 33, 34, 35, 37 e 38) que demonstram hostilidade/agressão verbal e física e não-aceitação da criança. Por último, a dimensão da tentativa de controlo é constituída por 11 itens (3, 6, 7, 9, 15, 19, 23, 24, 26, 29 e 39) que descrevem ações e intenções dos pais direcionadas para o controlo do comportamento das crianças, manifestações de exigência em relação aos filhos e preocupações com o bem-estar dos mesmos (Relações, Desenvolvimento & Saúde, 2016).

Determinou-se a estrutura fatorial da versão portuguesa do EMBU-P através de análises de componentes principais, com rotação varimax e com a determinação prévia de 3

fatores que, em conjunto, explicam 25,75% da variância (no caso das respostas da mãe) e 27,97% (no caso das respostas do pai). Verificou-se que estes valores foram relativamente superiores aos obtidos na validação do instrumento original feita por Castro et al. (1997). Em relação aos valores do alpha de Cronbach, mantiveram-se semelhantes aos obtidos por Castro et al. (1997), encontrando-se assim no intervalo 0,71 a 0,82 (Canavarro & Pereira, 2007a).

Satisfação com o Suporte Social

A Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS) foi desenvolvida e publicada por Pais-Ribeiro (1999) e foi construída para medir a satisfação com o suporte social existente (anexo C). O Suporte Social pode ser definido como a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós. A perceção do suporte social é uma dimensão fundamental nos processos cognitivos e emocionais ligados ao bem-estar e à qualidade de vida e ter um bom suporte social significa ter pessoas que gostam de nós, que se preocupam connosco e que nos valorizam.

A escala é constituída por 15 frases de autopreenchimento, como um conjunto de afirmações. O sujeito assinala o grau em que concorda/discorda com a afirmação, numa escala de Likert com 5 posições: concordo totalmente, concordo na maior parte, não concordo nem discordo, discordo na maior parte e discordo totalmente. A ESSS permite extrair quatro dimensões ou fatores: Satisfação com amigos/amizades (SA), intimidade (IN), satisfação com a família (SF) e atividades sociais (AS). A escala permite ainda a obtenção de um score global (ESSS), correspondendo as notas mais altas a uma perceção de maior satisfação com o suporte social (Gaspar & Torres, 2015).

A primeira dimensão mede a satisfação com as amizades (SA) que o individuo tem, inclui os itens 1, 2, 3, 4 e 5 e apresenta uma consistência interna de 0,83. A segunda dimensão

mede a percepção do indivíduo relativamente à existência de suporte social íntimo (IN), inclui os itens 6, 7, 8 e 9 e apresenta uma consistência interna de 0,74. A terceira dimensão avalia o nível de satisfação do indivíduo no que diz respeito ao seu suporte familiar (SF), inclui os itens 10, 11 e 12 e apresenta uma consistência interna de 0,74. Por último, a quarta dimensão diz respeito à satisfação com as atividades sociais (AS) que o indivíduo realiza, inclui os itens 13, 14 e 15 e apresenta uma consistência interna de 0,64 (Ribeiro, 1999).

Para chegar à versão final desta escala, recorreu-se a um conjunto de medidas que expressam saúde, bem-estar ou mal-estar ou que estão intimamente ligadas a essas variáveis. Foi realizada uma análise de componentes principais (ACP) e selecionados os itens com uma carga fatorial superior a 0,40, permanecendo, assim, 15 itens dos 20 iniciais. A solução fatorial escolhida inclui quatro componentes que explicam 63,1% da variância total e a consistência interna (alfa de Cronbach) da escala total é de 0,85. “As escalas geradas empiricamente estão de acordo com os constructos para que os itens foram gerados e parecem medir os seguintes aspetos do suporte social” (Ribeiro, 1999, p. 552): satisfação com os amigos, intimidade, família e atividades sociais).

Procedimentos

Com vista à recolha de dados, procedeu-se à distribuição dos questionários por diversas escolas, centros de estudos e centros de atividades de tempos livres (ATL). Em alguns casos foi possível a aplicação direta dos mesmos, junto dos pais, noutros casos, os questionários foram deixados ao cuidado das pessoas responsáveis e, mais tarde, recolhidos pela investigadora. Para além disso, foi também disponibilizado um questionário online, cujo link foi cedido também nestes locais e partilhado ao nível das redes sociais.

Todos os participantes foram informados relativamente ao objetivo do estudo e procederam ao preenchimento dos questionários de forma voluntária. Depois da recolha de

todos os questionários, procedeu-se à sua numeração e inserção na base de dados, previamente construída.

Na fase seguinte, e relativamente aos procedimentos estatísticos, procedeu-se à inserção e análise dos dados, através do programa estatístico SPSS, versão 22 para o Windows (Statistical Package for the Social Sciences), os quais serão apresentados no capítulo seguinte. Esses dados foram organizados, de forma a permitir a sintetização da informação, realizada através do agrupamento dos mesmos em tabelas que ajudam a identificar e compreender relações importantes entre as variáveis e que permitem uma análise descritiva dos dados.

De seguida, através de métodos de inferência estatística foi possível identificar e caracterizar relações entre variáveis (Coelho, Cunha & Martins, 2008). A inferência estatística é constituída por um conjunto de técnicas analíticas que “permitem retirar conclusões sobre um grupo determinado – população ou universo – a partir da informação recolhida para uma amostra”. (Reis, 2000, p. 15).

No seguimento dos objetivos deste estudo, em primeiro lugar, vão ser apresentados os resultados referentes à análise descritiva referente à escala EMBU-P e ESSS (Tabela 1 e 2), que inclui as dimensões de ambas as escalas, o número total de participantes, a média, desvio padrão, e valor mínimo e máximo. Desta forma, pretende-se caracterizar a amostra e apresentar os dados de uma forma simples e clara de modo a permitir uma leitura fácil e rápida.

De seguida, procedeu-se ao cálculo dos coeficientes alfa de Cronbach de cada um dos instrumentos utilizados, estando esses resultados presentes a Tabela 3 do capítulo seguinte.

Através da análise da variância (ANOVA) pretendeu-se comparar, simultaneamente, as médias de vários grupos. Este procedimento estatístico consiste num “conjunto de técnicas

que permitem analisar dados que estão dependentes de vários efeitos ou condições externas operando simultaneamente” (Silva, 1994, p. 60). Estes efeitos ou condições externas que afetam os resultados de uma experiência denominam-se de fatores. Assim, a análise da variância pode ser realizada com um fator (ANOVA one-way) e com dois fatores (ANOVA two-way) (Silva, 1994). Neste estudo foi utilizada a ANOVA one-way, de forma a verificar se existiam diferenças entre as médias do género (Tabela 4) e idade (Tabela 5) dos participantes e os estilos parentais, de forma a responder à segunda e terceira hipótese de investigação, respetivamente.

De forma a explorar as relações entre a variável suporte social e estilos parentais (objetivo 3), analisaram-se as correlações existentes entre estas duas variáveis, através do coeficiente de correlação de Spearman e do modelo de regressão linear múltipla (Tabela 6). De acordo com Reis (2000, p. 188) este coeficiente “é uma medida da associação das ordenações dos valores das variáveis e não dos valores em si, como acontece com o coeficiente de Pearson”.

Em relação ao modelo de regressão linear múltipla, foi utilizado no sentido de avaliar a força ou grau de relacionamento linear entre uma variável e um conjunto de outras variáveis, ou seja, esta técnica estatística visou explorar a relação existente entre os estilos parentais (variável dependente) e a idade, género e suporte social (variáveis independentes) (Tabela 7, 8 e 9). Assim, o modelo de regressão linear múltipla é uma “técnica estatística, descritiva e inferencial, que permite a análise da relação entre uma variável dependente (Y) e um conjunto de variáveis independentes (X’s)” (Pestana & Gageiro, 2000).

Todos estes dados poderão ser observados no capítulo dos resultados, que será apresentado de seguida.

Apresentação de resultados

A apresentação dos resultados descreve os dados provenientes da recolha de dados e do tratamento estatístico, em função das questões de investigação que os orientam. Assim, neste capítulo podem observar-se os resultados que foram obtidos neste estudo e que serão discutidos no capítulo seguinte.

Tabela 1

Distribuição nas dimensões da escala EMBU-P

EMBU-P	M	DP
Suporte emocional	3,36	0,38
Rejeição	1,62	0,26
Tentativa de controlo	2,60	0,38

Na Tabela 1 pode verificar-se que, para a dimensão do suporte emocional, a média de respostas dos participantes se encontra nos 3,36, sendo o valor mínimo de 1 e o máximo de 4. Na dimensão rejeição, a média de respostas é de 1,62 e, por último, na dimensão tentativa de controlo, é de 2,60. Assim, pode constatar-se que os participantes tendem a mostrar níveis mais elevados na dimensão do suporte emocional e níveis mais baixos na dimensão da rejeição e tentativa de controlo, pelo que, se verifica uma tendência para respostas mais positivas na primeira dimensão e mais negativas nas restantes.

Quanto mais elevado for o valor na dimensão suporte emocional, maior é o suporte dado aos filhos e, por outro lado, quanto mais elevado for o valor na dimensão rejeição e tentativa de controlo, maior é a incidência de comportamentos de rejeição e de tentativa de controlo perante os seus filhos.

Tabela 2*Distribuição nas dimensões da escala Satisfação com o Suporte Social (ESSS)*

ESSS	M	DP
Satisfação com as amigas	3,66	0,67
Intimidade	3,84	0,79
Satisfação com o suporte familiar	3,97	0,70
Satisfação com as atividades sociais	2,98	0,85

Em relação à ESSS, pode observar-se que o nível médio de respostas dos participantes se situa dentro entre o 3 e o 4, sendo que o valor mínimo de resposta é 1 e o máximo é 5 (Tabela 4). Assim, verifica-se que os participantes apresentam uma boa perceção relativa ao suporte social nas dimensões da amizade, intimidade e família, sendo que a dimensão relacionada com as atividades sociais foi a que registou um valor mais reduzido.

Tabela 3*Alfa de Cronbach da escala EMBU-P e ESSS*

Dimensões	M	DP	A
EMBU-P			
Suporte emocional (fator 1)	3,36	0,38	0,83
Rejeição (fator 2)	1,62	0,26	0,71
Tentativa de controlo (fator 3)	2,60	0,38	0,65
ESSS			
Satisfação com as amigas (fator 1)	3,66	0,67	0,77
Intimidade (fator 2)	3,84	0,79	0,74
Satisfação com o suporte familiar (fator 3)	3,97	0,70	0,70
Satisfação com as atividades sociais (fator 4)	2,98	0,85	0,76

A estrutura fatorial das escalas EMBU-P e ESSS foi respeitada, sendo que a primeira é composta por três fatores (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo) e a segunda é composta por quatro fatores (satisfação com as amigas, intimidade, satisfação com o suporte familiar e satisfação com as atividades sociais).

Relativamente aos índices de consistência interna, foram realizadas análises através do cálculo dos alfas de Cronbach. Deste modo, e de acordo com a Tabela 3, em relação à escala EMBU-P, o fator 1 apresenta um índice de consistência interna de 0,83 (muito bom), o fator 2 de 0,71 (bom) e o fator 3 de 0,65 (moderado). Relativamente à escala ESSS, os índices de consistência interna são os seguintes: 0,77 para o fator 1, 0,74 para o fator 2, 0,70 para o fator 3 e, por último, 0,76 para o fator 4. Assim, todos os fatores desta escala apresentam uma boa consistência interna.

Análise de Variância (ANOVA)

Tabela 4

Diferenças de médias entre os estilos parentais e o género dos pais

Dimensões	Feminino		Masculino		F
	M	DP	M	DP	
EMBU-P					
Suporte emocional	3,41	0,35	3,18	0,43	65,96***
Rejeição	1,62	0,25	1,61	0,27	0,15
Tentativa de controlo	2,61	0,38	2,56	0,37	2,18

Nota: *** p < 0,001; ** p < 0,01; * p < 0,05.

Através dos resultados obtidos (Tabela 4) pode observar-se que existem diferenças significativas entre os grupos, na dimensão suporte emocional [F(1,980)=65,96; p=0,001]. Assim, verifica-se que as mães têm uma perceção de suporte emocional mais positiva do que os pais. Também se pode observar que as mulheres apresentam um nível maior de rejeição e de tentativa de controlo, comparativamente com os homens, mas os seus valores não são estatisticamente significativos.

Tabela 5*Diferenças de médias entre os estilos parentais e a idade dos pais*

Dimensões	Até 35 anos		36-45 anos		46 ou mais anos		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
EMBU-P							
Suporte emocional	3,38	0,41	3,39	0,37	3,29	0,39	5,85***
Rejeição	1,69	0,29	1,60	0,24	1,63	0,27	5,50**
Tentativa de controlo	2,74	0,37	2,54	0,38	2,54	0,37	10,26**

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Os resultados da Tabela 5 indicam que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para todas as variáveis: suporte emocional [$F(2,978)=5,85$; $p=0,003$], rejeição [$F(2,938)=5,50$; $p=0,004$], e tentativa de controlo [$F(2,969)=10,26$; $p=0,0001$]. Assim, verifica-se que o nível de suporte emocional, de rejeição e de tentativa de controlo variam consoante a idade dos pais.

Correlações

Pode verificar-se na Tabela 6 as principais correlações entre a perceção do estilo parental e o suporte social.

Tabela 6*Correlações entre as variáveis (estilos parentais e suporte social)*

Variáveis	Suporte emocional (SE)	Rejeição (RJ)	Tentativa de controlo (TC)	Satisfação amizades (SA)	Intimidade (IN)	Satisfação suporte familiar (SF)	Satisfação atividades sociais (AS)
Suporte emocional (SE)	--						
Rejeição (RJ)	-0,198***	--					
Tentativa de controlo (TC)	0,170***	0,251***	--				
Satisfação amizades (SA)	0,232***	-0,115***	0,044	--			
Intimidade (IN)	0,107***	-0,126***	0,110***	0,422***	--		
Satisfação suporte familiar (SF)	0,130***	-0,118***	0,064*	0,452***	0,699***	--	
Satisfação atividades sociais (AS)	0,223***	-0,125***	0,024	0,628***	0,330***	0,450***	--

Nota: *** p < 0,001; ** p < 0,01; * p < 0,05.

Através da análise da Tabela 6 podemos constatar que existem correlações entre as seguintes variáveis:

Em primeiro lugar, o SE tem uma relação negativa com RJ, ou seja, quanto maior é o valor da primeira, menor é o valor da segunda. Assim, quanto maior é a perceção de suporte emocional dos pais, menor é a perceção de rejeição.

Depois, verifica-se que o SE tem uma relação positiva com a TC, SA, IN, SF e AS, ou seja, quanto maior é o valor do suporte emocional, maiores são, também, os valores das restantes variáveis.

Relativamente à RJ, verifica-se a existência de uma relação positiva com a TC, pelo que, quanto maior é a rejeição, maior é também a tentativa de controlo.

Por outro lado, observa-se que a RJ se correlaciona de modo negativo com SA, IN, SF e AS, o que significa que quanto maior é a rejeição, menor é a perceção de satisfação com o suporte social dos amigos, intimidade, da família e das atividades sociais.

Na TC pode observar-se uma relação positiva com IN e SF, sendo a primeira mais alta

do que a segunda. Assim, quanto maior é a tentativa de controlo, maior é a percepção de satisfação com o suporte social relativo à intimidade e à família.

Em relação ao SA, verifica-se que se correlaciona positivamente com IN, SF e AS, o que demonstra que quanto maior é a satisfação com o suporte social relativos aos amigos, maior é, também, essa satisfação em relação ao suporte social relativo à intimidade, à família e às atividades.

No que diz respeito à IN, existe uma relação positiva com SF e AS, ou seja, quanto maior a percepção de satisfação com o suporte social no que diz respeito à intimidade, maior a satisfação com o suporte familiar e relativo às atividades.

Por último, verifica-se que o SF se relaciona de modo positivo com AS, ou seja, quanto maior é a satisfação com o suporte familiar, maior é, também, a satisfação com o suporte relativo às atividades.

Regressão

Tabela 7

Regressão linear das variáveis género, idade e suporte social como predictoras do suporte emocional

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	2,956	0,131		22,622
Género	-0,234	0,029	-0,255***	-7,958
Idade	-0,001	0,002	-0,022 (n.s.)	-0,679
Satisfação com as amigas	0,014	0,024	0,025 (n.s.)	0,578
Intimidade	0,075	0,019	0,155***	3,940
Satisfação com o suporte familiar	0,076	0,019	0,137***	3,888
Satisfação com as atividades sociais	0,036	0,017	0,079*	2,116

Nota: *** p < 0,001; ** p < 0,01; * p < 0,05.

De acordo com a Tabela 7, pode observar-se que o género dos pais ($B = -0,234$; $p = 0,001$), a intimidade ($B = 0,075$; $p = 0,001$), a satisfação com o suporte familiar ($B = 0,076$; $p = 0,001$), e a satisfação com as atividades sociais ($B = 0,036$; $p = 0,04$), são preditoras do suporte emocional. No seu conjunto, o total das variáveis deste modelo, explicam 15% da variância [$R^2 = 15,3$; $R^2_{Aj} = 0,147$; Erro = 0,355; $[F = 25,569 (6,847), p < 0,001]$].

Tabela 8

Regressão linear das variáveis género, idade e suporte social como preditoras da rejeição

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	2,090	0,094		22,210
Género	-0,006	0,021	-0,009 (n.s)	-0,258
Idade	-0,002	0,002	-0,049 (n.s)	-1,432
Satisfação com as amizades	-0,018	0,018	-0,048 (n.s)	-1,026
Intimidade	-0,012	0,014	-0,036 (n.s)	-0,841
Satisfação com o suporte familiar	-0,049	0,014	-0,131 ***	-3,409
Satisfação com as atividades sociais	-0,020	0,012	-0,066 (n.s)	-1,646

Nota: *** $p < 0,001$; ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Verifica-se pela análise da Tabela 8 que a satisfação com o suporte familiar ($B = -0,049$; $p = 0,001$), surge como variável preditora da rejeição. Pode observar-se que o valor é negativo e estatisticamente significativo, o que sugere que quanto maior é o nível de rejeição, menor é a perceção de satisfação ao nível do suporte familiar.

Tabela 9

Regressão linear das variáveis género, idade e suporte social como predictoras da tentativa de controlo

	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t
	B	Erro padrão	Beta	
(Constante)	2,903	0,139		20,947
Género	-0,024	0,031	-0,026	-0,756
Idade	-0,010	0,002	-0,144***	-4,231
Satisfação com as amizades	0,046	0,026	0,081	1,776
Intimidade	-0,065	0,020	0,133**	-3,171
Satisfação com o suporte familiar	0,060	0,021	0,108**	2,885
Satisfação com as atividades sociais	-0,009	0,018	0,021	-0,525

Nota: *** p < 0,001; ** p < 0,01; * p < 0,05.

Relativamente à tentativa de controlo, pode constatar-se (Tabela 9) que a idade (B= -0,010; p=0,001), a intimidade (B= -0,065; p=0,002) e a satisfação com o suporte social familiar (B=0,060; p=0,004), são predictoras da tentativa de controlo.

Discussão

Tendo em consideração os resultados apresentados anteriormente, considera-se que foi possível responder à questão inicial deste estudo, que se prendia com a possibilidade do suporte social dos pais ter impacto ao nível dos seus estilos parentais. Assim, verificou-se que tanto o suporte social como a idade e género dos progenitores, se reflecte ao nível dos seus estilos parentais.

De acordo com o trabalho de Diana Baumrind (1966), existem duas dimensões que estão na origem dos tradicionais estilos educativos parentais (uma vez combinadas, resultam no estilo autoritativo, autoritário, permissivo e negligente), que são a dimensão de suporte, aceitação e afeto e a dimensão do controlo (Canavarro & Pereira, 2007a). As três escalas avaliadas pela EMBU-P correspondem a estas duas dimensões do comportamento parental e, como já explicado anteriormente no enquadramento, os fatores suporte emocional e rejeição correspondem aos dois polos existentes na dimensão de suporte, aceitação e afeto (afeto-hostilidade) e o fator tentativa de controlo corresponde a um dos polos da dimensão do controlo (permissividade-restritividade) (Canavarro & Pereira, 2007b).

No que diz respeito à perceção dos participantes relativamente aos seus estilos parentais (objetivo 1), e de acordo com as dimensões avaliadas pela escala EMBU-P (Canavarro & Pereira, 2007a), verificou-se que os mesmos apresentavam níveis elevados na dimensão do suporte emocional ($M=3,36$), níveis baixos na dimensão da rejeição ($M=1,62$) e níveis moderados na tentativa de controlo ($M=2,60$). Assim, a dimensão de suporte “reúne os comportamentos dos pais que contribuem para que a criança se sinta confortável, aceite e aprovada enquanto pessoa” (Simões et al., 2011, p. 76).

Estes resultados são consistentes com os obtidos por Pereira et al. (2009), num estudo realizado com 519 crianças, com idades entre os 8 e os 11 anos, de 41 escolas localizadas de

norte a sul de Portugal e que pretendia analisar a relação entre o estilo parental e os problemas comportamentais dos filhos. Foi possível verificar que o estilo parental que mais se evidenciou foi o marcado por altos níveis de suporte emocional e de controlo, facto que vai de encontro aos resultados de Canavarro e Pereira (2007a), que observaram que os pais apresentavam níveis elevados na dimensão do suporte emocional, níveis moderados a altos na dimensão da tentativa de controlo e níveis baixos a moderados na dimensão da rejeição, numa amostra de 287 pais e 401 mães de 442 crianças portuguesas.

Verificou-se, também, a existência de uma relação negativa entre o suporte emocional e a rejeição, o que significa que quanto maior é a perceção de suporte emocional dos pais, menor é a perceção de rejeição. Por último, a rejeição relaciona-se de forma positiva com a tentativa de controlo, pelo que se verifica que quanto maior é a rejeição, maior é também a tentativa de controlo. Estes resultados são consistentes com os obtidos num estudo de Arrindell et al. (1983), que explora estas mesmas dimensões.

Relativamente à perceção de satisfação ao nível do suporte social (objetivo 2), e de acordo com as dimensões avaliadas pela ESSS (Ribeiro, 1999), verificou-se que os participantes apresentam uma boa perceção relativamente ao suporte social nas dimensões da amizade, intimidade e família, sendo que, se podem observar resultados mais baixos na dimensão das atividades sociais. As necessidades de suporte que os indivíduos apresentam, podem ser satisfeitas através das suas relações de amizade ou familiares (Procidano & Heller, 1983; Miller & Darlington, 2002), sendo que o suporte familiar ocupa um lugar de destaque como fonte de apoio psicológico e social (D'Abbs, 1991; Dessen & Polonia, 2007; Oliveira & Bastos, 2000). A intimidade também desempenha um papel importante ao nível do suporte social (Lefcourt, 1985), bem como as atividades sociais, na medida em que facilitam o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais (Baptista et al., 2006).

Quanto ao terceiro objetivo do estudo, relacionado com a influência do suporte social nos estilos parentais, verificou-se que os pais que têm um nível de satisfação mais elevado relativamente ao suporte social demonstram comportamentos parentais mais adequados e de maior suporte emocional.

Como foi possível observar através dos dados obtidos, a dimensão do suporte emocional tem uma correlação significativa positiva com todas as dimensões do suporte social, o que significa que quanto maior é suporte emocional, maior é, também, a perceção de suporte social relativamente às amizades, à família, à intimidade e às atividades sociais. Deste modo, os pais que têm níveis mais altos de expressão verbal e física de suporte afetivo, de aceitação e disponibilidade, evidenciam uma maior satisfação com o seu suporte social.

Por outro lado, na dimensão da rejeição pode observar-se uma correlação significativa negativa com todas as dimensões do suporte social, ou seja, quanto mais baixo é o nível de satisfação com o suporte social, maiores são os níveis de rejeição. Assim, os pais que demonstram maior hostilidade/agressão verbal e física e não-aceitação da criança, não apresentam um bom nível de satisfação com o seu suporte social.

Por último, na dimensão tentativa de controlo, verifica-se que o suporte social relativo à intimidade e à família se correlacionam de forma significativa positiva (sendo que o valor é mais alto no primeiro do que no segundo) com a mesma, o que significa que quanto maior a satisfação com estas duas áreas do suporte social, maior é, também, o grau de tentativa de controlo. Isto significa que os pais evidenciam ações e intenções direcionadas para o controlo do comportamento das crianças, manifestações de exigência e preocupações com o bem-estar dos filhos, tanto mais quanto aumenta o nível de satisfação com o seu suporte social, ao nível da intimidade e familiar.

Uma possível justificação para estes resultados pode prender-se com o facto de esta

dimensão englobar, não só os comportamentos dos pais no sentido de direcionar o comportamento dos filhos, de acordo com aquilo que eles pretendem (Simões et al., 2011), mas também as manifestações de exigência em relação aos filhos e preocupação com o seu bem-estar (Relações, Desenvolvimento & Saúde, 2016), existindo, assim, comportamentos mais relacionados com a tentativa de controlo e outros que se prendem mais com uma questão de supervisão parental. Por um lado, alguns comportamentos de controlo são mais coercivos e, por isso, são considerados mais negativos, mas por outro lado, outros que recorrem a estratégias de indução, podem ser considerados mais positivos (Canavarro & Pereira, 2007b). Assim, a heterogeneidade desta dimensão (entre tentativa de controlo e supervisão parental) pode fazer com que os resultados obtidos estejam relacionados com a preocupação do bem-estar, o que pode surgir associado a uma elevada satisfação com o suporte social relativo à intimidade e familiar e que, conseqüentemente, se traduz numa maior capacidade de preocupação com os filhos.

Em relação à dimensão suporte emocional, verifica-se que o género dos pais, o suporte social relativo à intimidade, à família e às atividades sociais, surgem como variáveis preditoras da mesma. Na dimensão rejeição, apenas o suporte social familiar surge como preditor e, por último, na dimensão tentativa de controlo, a idade, o suporte social relativo à intimidade e à família, surgem como variáveis preditoras da mesma.

Estes resultados vão de encontro a alguns dos estudos referidos no enquadramento, tais como, os que reportaram a existência de evidências de que as mães que demonstravam níveis superiores de satisfação com o seu suporte social exibiam, também, comportamentos maternos mais adequados e mostravam-se menos intrusivas e controladoras (Jennings et al., 1991), de que situações de abuso podem surgir relacionadas com a presença de um suporte social deficitário (Newberger et al., 1977) e de que situações de negligência podem surgir

associadas a baixos níveis de adequação da rede social básica (Polansky et al., 1979).

O estudo de Spinetta e Ringler (1972) evidencia a existência de uma associação entre o suporte social e um ambiente familiar mais acolhedor. Por sua vez, um estudo de Lee e Colletta (1983, cit. por Belsky & Vondra, 1989) demonstra que o grau de satisfação com o suporte social se reflete ao nível dos comportamentos parentais, na medida em que se verificou que as mães que se mostravam satisfeitas com o seu suporte social exibiam comportamentos mais carinhosos e afetuosos com os seus filhos, enquanto que as mães insatisfeitas com o seu suporte social tendiam a exibir comportamentos de hostilidade, rejeição e indiferença.

Para além disso, estes resultados vão também de encontro ao estudo de Turner e Avison (1985), que verificou que o suporte social desempenha um papel de grande importância ao nível da adaptação à parentalidade. Os autores observaram que o nível de suporte que é experienciado pelas mães exerce influência na sua capacidade de adaptação ao papel parental. Assim, as mães que não vivenciam um ambiente de suporte, tendem a sentir dificuldades em providenciar esse tipo de ambiente para os seus filhos.

Ortega (2002) verificou que as mães que percecionavam um nível de suporte social mais baixo, percecionavam, também, um nível de eficácia parental mais baixa. Por último, um estudo de Colletta (1979) observou que as mães que apresentavam um suporte social mais deficitário, tendiam a apresentar maior número de regras familiares e técnicas de punição mais autoritárias.

Por último, verifica-se que existe uma correlação positiva significativa entre todas as dimensões do suporte social, o que sugere que quanto maior é a perceção de suporte social numa das dimensões, maior é, também, nas restantes. Desta forma, os dados apresentados reforçam o papel que o suporte social desempenha ao nível da parentalidade competente,

facto já discutido anteriormente no enquadramento e que está presente ao nível da literatura consultada (Belsky, 1984; Cochran & Brassard, 1979; Unger & Powell, 1980).

Relativamente à existência de diferenças de género, no que diz respeito aos estilos parentais (objetivo 4), observou-se a existência de diferenças entre as médias da variável género e da variável estilos parentais. Através da análise dos dados obtidos, verifica-se que essas diferenças são significativas entre os pais e as mães, na dimensão suporte emocional, o que sugere que o nível de perceção de suporte emocional das mães é mais positivo do que o dos pais. O valor das médias referentes ao género feminino foi superior ao masculino, em todas as dimensões dos estilos parentais, o que vai de encontro aos estudos realizados por Simões et al. (2011) e Canavarro e Pereira (2007a), em que foi possível observar que as mães apresentavam níveis mais elevados em todas as dimensões do comportamento parental, o que pode ser sugestivo de um maior envolvimento das mesmas, ao nível da parentalidade.

De acordo com Mckinney e Renk (2008), as diferenças de género, no que diz respeito aos estilos parentais, é uma noção que encontra sustentabilidade ao nível da investigação, sendo que se verifica que as mães tendem a ser uma fonte de maior suporte e apoio do que os pais e, também, geralmente têm relações mais próximas com os seus filhos, comparativamente com os mesmos.

Estes resultados vão, também, no mesmo sentido do estudo de Thompson e Walker (1989), que evidenciou que o nível de envolvimento e empenho das mães era superior ao dos pais e, aos resultados obtidos por Conrade e Ho (2001), que verificaram que o nível de responsividade das mães era superior ao dos pais. Existem indícios na literatura que apontam para o facto das mulheres tenderem a evidenciar-se como uma fonte de maior afeto e suporte, relativamente aos pais (Mckinney & Renk, 2008). De acordo com Beato et al. (2016), os pais tendem a incentivar os filhos a serem mais independentes e aventureiros, enquanto que as

mães tendem a surgir mais associadas a comportamentos de suporte e cuidado.

Pela revisão de literatura efetuada e, enquadrando-se nos resultados obtidos neste estudo, verifica-se, também, que as mães tendem a perceber-se como tendo níveis mais elevados de suporte emocional e de controlo sobre os filhos. As diferenças ao nível dos papéis biológicos e socioculturais que surgem mais enraizados nas mães do que nos pais, podem refletir-se nesta diferença de perceção e, conseqüentemente, fazer com que as mães estejam mais envolvidas no dia-a-dia dos seus filhos conseguindo, assim, exercer maior suporte emocional e controlo na vida dos mesmos (Castro et al., 1997). Por outro lado, essas diferenças ao nível das características masculinas, de índole biológica e social, podem influenciar a forma como os mesmos se comportam perante os seus filhos (Bögels & Phares, 2008), marcando uma distinção na postura e comportamento entre os pais e as mães.

Por último, o género surgiu como variável preditora na dimensão do suporte emocional, o que sugere que a perceção do suporte emocional pode ser estimada com base no género dos participantes, existindo diferenças consoante o indivíduo é do sexo feminino ou masculino.

Quanto ao quinto objetivo do estudo, verificou-se a existência de diferenças entre a idade dos pais e os estilos parentais. Assim, através da análise dos mesmos, pode observar-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias de idade dos pais e todas as dimensões dos estilos parentais. Estes resultados vão de encontro ao que é sugerido na literatura, relativamente ao facto da idade dos pais ser um fator de influência ao nível dos estilos parentais (Canavarro & Pereira, 2007a; Smetana, 1995).

Através da análise dos resultados, pode observar-se que os pais até aos 35 anos de idade apresentam níveis mais altos de rejeição e de tentativa de controlo e, por outro lado, pais com idades entre os 36 e os 45 anos apresentam níveis mais altos na dimensão do

suporte emocional. Os pais com mais de 46 anos de idade apresentam os níveis mais baixos na dimensão do suporte emocional e o mesmo nível de tentativa de controlo do que os pais entre os 36 e os 45 anos de idade. Estes resultados vão de encontro aos sugeridos por Canavarro e Pereira (2007a), verificando-se que quanto maior é a idade dos pais, menor é a sua perceção relativamente a comportamento de rejeição e de controlo.

Estes resultados são consistentes com os obtidos por Fergusson e Woodward (1999) e por Garcia-Coll et al. (1987), na medida em que os comportamentos mais característicos da dimensão do suporte emocional evidenciam resultados mais elevados em mães mais velhas (no caso deste estudo, nas idades entre os 35 e os 46 anos). Verificou-se que a literatura incide sobre a questão da idade da mãe, não se conseguindo, na revisão bibliográfica efetuada, encontrar estudos que relacionassem a idade do pai ou a de ambos em conjunto.

Uma possível explicação para estes resultados prende-se com o facto da idade, por norma, surgir associada à maturidade e experiência, pelo que, os pais mais velhos, comparativamente com os mais novos, tendem a ser mais maduros e a ter mais experiência de vida, estando, assim, mais preparados para assumir as responsabilidades inerentes à parentalidade (Cowan & Cowan, 1998, cit. por Bornstein, 2006).

Conclusão

As questões referentes à educação das crianças têm sido um tema de interesse ao longo dos tempos e, verifica-se que nas últimas décadas, o mesmo tem crescido e resultado em diversas pesquisas por parte de vários investigadores. O reconhecimento do papel dos pais, enquanto primeiros agentes de socialização da criança, tem contribuído para o facto deste tema ter ganho uma crescente relevância ao nível da investigação (Miguel et al., 2009).

Neste sentido, a presente investigação pretendeu explorar o tema da parentalidade, no que diz respeito aos fatores que podem exercer influência ao nível dos estilos parentais. Através da pesquisa bibliográfica, verificou-se que existem diversos fatores que podem influenciar os estilos parentais e, conseqüentemente, o comportamento dos pais face aos filhos. As questões relacionadas com o suporte social parecem desempenhar um papel de importância na vida dos indivíduos, tanto a nível de bem-estar, como ao nível do seu comportamento parental.

Com o intuito de explorar a questão da relação entre estas duas variáveis, realizou-se o presente estudo, que se considera que permite retirar algumas conclusões gerais, a partir dos dados recolhidos e analisados com a amostra de 1096 participantes do sexo feminino e masculino, com pelo menos um filho com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos de idade. Os participantes responderam a um questionário que visava recolher os seus dados sociodemográficos e avaliar a sua perceção relativamente aos estilos parentais e à satisfação com o seu suporte social.

Através da análise dos referidos dados e da revisão bibliográfica efetuada, foi possível verificar-se que, efetivamente, existem evidências de que os pais que têm uma perceção de suporte social mais elevada, demonstram comportamentos parentais mais adequados e de maior suporte emocional, evidenciando-se, assim, a influência do suporte social nos estilos

parentais.

No que diz respeito ao género dos pais, enquanto variável que influencia os estilos parentais, verificou-se que, efetivamente, as mães e os pais variam no seu comportamento perante os seus filhos, evidenciando-se que os seus estilos parentais apresentam diferenças consoante o sexo.

Por último, relativamente à idade dos pais, verificou-se que é uma variável que também influencia os estilos parentais, na medida em que, os pais de diferentes idades variam o seu estilo parental entre o suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo, sendo possível observar que quanto maior a idade dos pais, menor são os seus níveis de rejeição e de tentativa de controlo.

Como limitações deste estudo, pode apontar-se a assimetria da amostra no que diz respeito ao género dos participantes, verificando-se que o número de mulheres (n=855) é consideravelmente superior ao número de homens (n=241), o que dificultou a retirada de conclusões quanto à influência deste fator ao nível dos estilos parentais. Assim, seria importante tentar recolher, em estudos futuros, uma amostra mais equilibrada ao nível do género dos participantes.

Uma das dificuldades sentidas prendeu-se com a idade dos pais e sua relação com os estilos parentais, verificando-se que se poderia explorar mais esta questão, no sentido de aprofundar quais as diferenças efetivas entre as idades e os estilos parentais adotados pelos pais. Para isso, seria necessário obter mais informações que permitissem avaliar as mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo e à medida que a idade foi avançando, no sentido de encontrar variáveis que se correlacionassem com a variável idade e que, em conjunto, explicassem as variações ao nível dos estilos parentais. Assim, poderia ser considerada a hipótese de realização de um estudo longitudinal, de modo a permitir um aprofundamento

desta questão.

De acordo com Bornstein (1991), existem diversos fatores que influenciam a parentalidade, tais como, fatores ligados à personalidade, à percepção das responsabilidades inerentes ao papel parental, à parte biológica e à natureza social. Assim, como sugestão futura, importa referir que se considera relevante ter em conta esses outros fatores da parentalidade (por exemplo, características de personalidade dos pais e/ou dos filhos) e outros fatores de natureza social (como por exemplo, a qualidade da relação matrimonial e tipos de configuração familiar), de forma a obter uma visão mais abrangente sobre outras possíveis variáveis que possam afetar e criar variações ao nível dos estilos parentais.

Também se considera relevante uma possível integração da percepção dos filhos relativamente aos estilos parentais, de modo a interligar esta informação com a recolhida pelos relatos dos pais e explorar os aspetos concordantes e discordantes, relativamente aos dois pontos de vista.

Outra sugestão para investigações futuras prende-se com a possível utilização de outros instrumentos de recolha de dados, nomeadamente através de entrevistas e de observação direta no ambiente familiar, na medida em que, em certas questões dos instrumentos de autorrelato pode existir uma tendência dos participantes para transmitir uma imagem consonante com aquela que consideram culturalmente aceite, de acordo com as normas sociais.

A recolha de dados juntos das crianças, também pode ser interessante, visto que reflete a opinião dos filhos relativamente aos estilos parentais dos seus progenitores, o que pode, depois, ser contrastado com as opiniões que os mesmos têm relativamente aos seus estilos parentais. Assim, considera-se pertinente o desenvolvimento de um estudo que conciliasse as metodologias quantitativas e qualitativas, com o intuito de aprofundar mais a

questão dos estilos parentais e da forma como os pais se posicionam relativamente a este assunto.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2000). (Des)equilíbrios familiares: uma visão sistemática. Coimbra: Quarteto.
- Ambert, A. M. (1994). An international perspective on parenting: social change and social constructs. *Journal of Marriage and the Family*, 56(3), 529-543. doi:10.2307/352865
- Arrindell, W. A., Emmelkamp, P. M. G., Monsma, A. & Brilman, E. (1983). Psychometric evaluation of an inventory for assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 67, 163-177. doi:10.1111/j.1600-0447.1983.tb00338.x
- Arrindell, W. A., & Van Der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 5(6), 671-682. doi:10.1016/0191-8869(84)90115-6
- Baptista, M. N. (2005). Desenvolvimento do inventário de percepção do suporte familiar: estudos psicométricos preliminares. *Psico-USF*, 10(1), 11-19. doi:10.1590/S1413-82712005000100003
- Baptista, M. N., Morais, P. R., Rodrigues, T., Silva, J. A. (2006). Correlação entre sintomatologia depressiva e prática de atividades sociais em idosos. *Avaliação Psicológica*, 5(1), 77-85
- Barroso, R. G. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52(1), 211-229
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907. doi:10.2307/1126611
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization Practices Associated with Dimensions of Competence in Preschool Boys and Girls. *Child Development*, 38(2), 291-327.

doi:10.2307/1127295

- Baumrind, D., Larzelere, R. & Owens, E. (2010). Effects of preschool parent's power assertive patterns and practices on adolescent development. *Parenting: Science and Practice*, 10, 157-201. doi:10.1080/15295190903290790
- Beato, A., Pereira, A. I. & Barros, L. (2016). The relationship between different parenting typologies in fathers and mothers and children's anxiety. *Journal of Child of Family Studies*, 25(5), 1691-1701. doi:10.1007/s10826-015-0337-x
- Becker, P. T. (1987). Sensitivity to infant development and behavior: a comparison of adolescents and adult single mothers. *Research in Nursing & Health*, 10, 119-127. doi:10.1002/nur.477010030
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96. doi:10.2307/1129836
- Belsky, J. & Vondra, J. (1989). Lessons from child abuse: The determinants of parenting. In D. Cicchetti & V. Carlson, *Child Maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (153-202). New York: Cambridge University Press.
- Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(2), 155-162. doi:10.1037/h0036215
- Berkman, L. F. (1995). The role of social relations in health promotion. *Psychosomatic Medicine*, 57, 245-254. doi:10.1097/00006842-199505000-00006
- Berkman, L. F. & Glass, T. (2000). Social integration, social networks, social support and health. In L. F. Berkman & I. Kawachi (Eds), *Social Epidemiology* (137-173). New York: Oxford University Press.
- Bögels, S. & Phares, V. (2008). Father's role in the etiology, prevention and treatment of

- child anxiety: a review and new model. *Clinical Psychology Review*, 28, 539-558.
doi:10.1016/j.cpr.2007.07.011
- Boing, E., Crepaldi, M. A. & Moré, C. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paideia*, 18(40), 251-266. doi:10.1590/S0103-863X2008000200004
- Bonds, D. D., Gondoli, D. M., Sturge-Apple, M. L. & Salem, L. N. (2009). Parenting stress as a mediator of the relation between parenting support and optimal parenting. *Parenting: Science and Practice*, 2(4), 409-435. doi:10.1207/S15327922PAR0204_04
- Bornstein, M. (1991). Approaches to parenting in culture. In M. Bornstein (Ed.), *Cultural approaches to parenting* (3-19). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bornstein, M. (2002a). Parenting Infants. In M. H. Bornstein, *Handbook of parenting, Volume 1, Children and Parenting* (3-43). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bornstein, M. (2002b). Preface. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Volume 3, Being and Becoming a Parent*, pp.xi-xiv. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bornstein, M. (2006). Maternal chronological age, prenatal and perinatal history, social support and parenting infants. *Child Development*, 77(4), 875-892. doi:10.1111/j.1467-8624.2006.00908.x
- Bornstein, M. (2007). Parenting Science and Practice. In K. A. Renninger, I. E. Sigel, W. Damon & R. M. Lerner, *Handbook of child psychology: Volume 4, child psychology in practice* (893-949). New York: John Wiley & Sons.
- Bornstein, M., Haynes, M. O., Azuma, H., Galperín, C., Maital, S., Ogino, M., . . . & Wright, B. (1998). A cross-national study of self-evaluations and attributions in parenting: Argentina, Belgium, France, Israel, Italy, Japan, and the United States. *Developmental Psychology*, 34(4), 662-76. doi:10.1037/0012-1649.34.4.662
- Bornstein, M. & Sawyer, J. (2006). Family systems. In K. McCartney & D. Phillips (Eds.),

The blackwell handbook of early childhood development, Part VI: the social ecology of early development, (381-398). Oxford: Blackwell Publishing.

Bronfenbrenner, U. (1977). Towards an experimental ecology of human development.

American Psychologist, 32(7), 513-531. doi: 10.1037/0003-066X.32.7.513

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development – experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In M. Gauvian & M. Cole (Eds.). *Readings on the development of children* (2nd ed.) (37-43). New York: Freeman.

Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: a future perspective. In P. Moen & G. H. Elder, Jr. (Eds.), *Examining lives in context: perspectives on the ecology of human development* (619-647). Washington DC: American Psychological Association.

Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (3-28). Washington DC: American Psychological Association Press.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 1 - theoretical models of human development* (793-828). New York: John Wiley & Sons.

Canavarro, M. & Pereira, A. (2007a). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspetiva dos pais: a versão portuguesa do EMBU-P. *Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.

Canavarro, M. & Pereira, A. (2007b). A perceção dos filhos sobre os estilos educativos

- parentais: a versão portuguesa da EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 24, 193-210.
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4(31), 393-406.
- Castro, J., Toro, J., Van der Ende, J. & Arrindell, W. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing style in spanish children with the EMBU. *The International Journal of Social Psychiatry*, 39(1), 47-57.
doi:10.1177/002076409303900105
- Castro, L., Pablo, J., Gómez, J., Arrindell, W. A. & Toro, J. (1997). Assessing rearing behaviour from the perspective of the parents: a new form of the EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32, 230-235. doi:10.1007/BF00788243
- Cecconello, A., De Antoni, C. & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54. doi:10.1590/S1413-73722003000300007
- Crittenden, P. M. (1985). Social networks, quality of child rearing and child development. *Child Development*, 56(5), 1299-1313. doi:10.2307/1130245
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 3, 300-314. doi:10.1097/00006842-197609000-00003
- Cochran, M. M. & Brassard, J. A. (1979). Child development and personal social networks. *Child Development*, 50(3), 601-616. doi:10.1111/j.1467-8624.1979.tb02408.x
- Coelho, M. & Ribeiro, J. (2000). Influência do suporte social e do coping sobre a percepção subjective de bem-estar em mulheres submetidas a cirurgia cardíaca. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 1(1), 79-87.
- Coelho, J. P., Cunha, L. M. & Martins, I. L. (2008). *Inferência Estatística – Com utilização*

do SPSS e do G power*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Cohen, S. & Hoberman, H. (1983). Positive events and social support as buffers of life change stress. *Journal of Applied Social Psychology*, 13(2), 99-125. doi:10.1111/j.1559-1816.1983.tb02325.x
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: findings and future applications. *Developmental Review*, 18, 47-85. doi:10.1006/drev.1997.0448
- Colletta, N. D. (1979). Support systems after divorce: Incident and impact. *Journal of Marriage and Family*, 41(4), 837-846. doi:10.2307/351483
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: the case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232. doi: 10.1037/0003-066X.55.2.218
- Conrad, G. & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1), 29-35. doi:10.1080/00049530108255119
- Coohey, C. (2007). Social networks, informal child care and inadequate supervision by mothers. *Child Welfare*, 86, 53-66.
- Coutinho, C. P. (2004). Quantitativo versus qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação. In ADMEE-Europa (Ed.), *Actas do XVII colóquio ADMEE-Europa* (436-448). Lisboa: ADMEE. Acedido em Agosto 15, 2017, em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6469/1/ADMEE_Clara_Coutinho.pdf.
- Cramer, D., Henderson, S. & Scott, R. (1997). Mental health and desired social support: a four-wave panel study. *Journal Social and Personal Relationship*, 14(6), 761-775. doi:10.1177/0265407597146003

- Cruz, O., Raposo, J. V., Ducharne, M. A. B., Almeida, L. S., Teixeira, C. M., & Fernandes, H. M. (2011). Parenting scales: contributions to the factorial validity of the portuguese version. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 1(31), 157-176.
- D'Abbs, P. (1991). *Who helps? Support networks and social policy in Australia*. Melbourne: Australian Institute of Family Studies.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. doi:10.1037/0033-2909.113.3.487
- Dessen, M. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 202-219. doi:10.1590/S1414-98932010000500010
- Dessen, M. A & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231. doi:10.1590/S0102-37722000000300005
- Dessen, M. A., & Polonia, A. D. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32. doi:10.1590/S0103-863X2007000100003
- Fergusson, D. & Woodward, L. J. (1999). Maternal age and educational and psychosocial outcomes in early adulthood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(3), 479-289. doi:10.1111/1469-7610.00464
- Flaherty, J. & Richman, J. (1989). Gender differences in the perception and utilization of social support: theoretical perspectives and na empirical test. *Social Science & Medicine*, 28(12), 1228-1989. doi:10.1016/0277-9536(89)90340-7
- Franco, A. L. S. & Bastos, A. C. S. (2002). Um olhar sobre o programa de saúde da família: a perspectiva ecológica na psicologia do desenvolvimento segundo Bronfenbrenner e o

modelo da vigilância na saúde. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 65-72. doi:10.1590/S1413-73722002000200008

Garcia-Coll, C. T., Hoffman, J. & Ho, W. (1987). The social ecology and early parenting of caucasian adolescent mothers. *Child Development*, 58, 955-963. doi:10.2307/1130536

Gaspar, T. & Torres, I. (2015). *Fatores psicossociais e profissionais promotores de qualidade de vida no processo de reforma e envelhecimento ativo*. Estudo de envelhecimento ativo.

Acedido em Novembro 15, 2016, em

<http://www.lis.ulsiada.pt/DesktopModules/Archieve/PageFlip/Viewer.aspx?ID=16388&Locale=pt-PT>.

Geens, N. & Vandebroek, M. (2014). The (ab)sense of a concept of social support in parenting research: a social work perspective. *Child and Family Social Work*, 19, 491-500. doi:10.1111/cfs.12048

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.

Grikorenko, E. L. & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3(1), 93-112. doi:10.1111/1467-7687.00103

Grzybowski, L. & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 289-298. doi:10.1590/S0102-79722010000200011

Härkönen, U. (2007). The Bronfenbrenner ecological systems theory of human development. *Scientific Articles of V International Conference "Person.Color.Nature.Music"*. Acedido em Fevereiro 16, 2017, em

<https://pdfs.semanticscholar.org/87f8/0fb75870d7044b5e94bf7261677763d39322.pdf>.

Heaney, C. A. & Israel, B. A. (2008). Social networks and social support. In K. Glanz, B. K.

- Rimer & V. Viswanath (Eds), *Health Behavior and Health Education: Theory, Research and Practice*, (4th ed.) (189-210). New York: John Wiley & Sons.
- Hirsch, B. J. (1985). Social networks and the ecology of human development: theory, research and application. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds), *Social support: research, theory and applications* (117-136). Dordrecht, Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers.
- Hoghughi, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghughi & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (1-18). London: Sage.
- Hoghughi, M. S. & Long, N. (2004). Preface. In M.S. Hoghughi & N. Long, *Handbook of parenting: theory and research for practice* (xix-xx). London: Sage.
- House, J. S. (1981). *Work stress and social support*. Reading, Masschusetts: Addison-Wesley Publishing Company.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton, & M. C. P. Silva, *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milénio* (47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jennings, K. D., Stagg, V. & Connors, R. E. (1991). Social networks and mother's interactions with their preschool children. *Child Development*, 62, 966-978.
doi:10.2307/1131146
- Johnson, E. S. (2008). Ecological systems and complexity theory: Towards an alternative model of accountability in education. *Complicity: An International Journal of Complexity and Education*, 5(1), 1-10.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22. doi:10.1590/S0102-37722000000100003
- Langford, C. P. H., Browsher, J., Maloney, J. P. & Lillis, P. (1997). Social support: a

- conceptual analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 25, 95-100. doi: 10.1046/j.1365-2648.1997.1997025095.x
- Larson, R., Mannell, R. & Zuzunek, J. (1986). Daily well-being of older adults with friends and family. *Psychology and Aging*, 1(2), 117-126. doi: 10.1037//0882-7974.1.2.117
- Leftcourt, H. M. (1985). Intimacy, social support and locus of control as moderators of stress. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds), *Social support: Research, Theory and Applications* (3-20). Dordrecht, Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers.
- Lin, N. (1986). Conceptualizing social support. In N. Lin, A. Dean & W. Ensel (Eds.), *Social support, life events and depression* (17-48). London: Academic Press.
- Martins, E. & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1, 63-77.
- McKinney, C. & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers – implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806-827. doi:10.1177/0192513X07311222
- Menéndez, S., Salgado, C. & Hidalgo, V. (1996). *Social support and parent's satisfaction during the transition to parenthood*. Paper presented at the 14 th Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioural Development, Quebec.
- Miguel, I., Valentim, J. & Carugati, F. (2009). Questionário de estilos e dimensões parentais – versão reduzida. Adaptação portuguesa do parenting styles and dimensions questionnaire – Short Form. *Psychologia*, 51, 169-188.
- Miller, R., & Jeff-Darlington, Y. (2002). Who supports? The providers of social support to dual-parent families caring for young children. *Journal of Community Psychology*, 30(5), 461-473. doi: 10.1002/jcop.10023
- Mombelli, M. A., Costa, J. B., Marcon, S. S. & Moura, C. B. (2011). Estrutura e suporte

- familiar como fatores de risco de stress infantil. *Estudos de Psicologia*, 28(3), 327-335.
doi:10.1590/S0103-166X2011000300004
- Newberger, E., Reed, R. B., Daniel, J. H., Hyde, J. N. & Kotelchuck, M. (1977). Pediatric social illness: toward an etiologic classification. *Pediatrics*, 60, 178-185.
- Oliveira, M. L. S. & Bastos, A. C. S. (2000). Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 1-11.
doi:10.1590/S0102-79722000000100012
- ONU/UNICEF (1990). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. New York: UNICEF.
Acedido em Fevereiro 16, 2017, em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tiduniversais/dc-conv-sobre-dc.html>.
- Oravec, L. M., Osteen, P. J., Sharpe, T. L. & Randolph, S. M. (2011). Assessing low-income African-American pre-schoolers' behaviour problems in relationship to community violence, inter-partner conflict, parenting, informal social support and social skills. *Child & Family Social Work*, 16, 310-324. doi:10.1111/j.1365-2206.2010.00742.x
- Ornelas, J. (1994). Suporte social: origens, conceitos e áreas de Investigação. *Análise Psicológica*, 2-3(12), 333-339.
- Ortega, D. M. (2002). How much support is too much? Parenting efficacy and social support. *Children and Youth Services Review*, 24(11), 853-876. doi: 0.1016/S0190-7409(02)00239-6
- Pacheco, J., Silveira, L. & Schneider, A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspetiva dos adolescentes. *PSICO*, 39(1), 66-73.
- Papousek, H. & Papousek, M. (2002). Intuitive parenting. In M. H. Bornstein (Ed), *Handbook of parenting, volume 2, biology and ecology of parenting* (183-203). New

Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Pereira, A., Canavarro, C., Cardoso, M. & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing style and child behaviour problems among portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18(4), 454-464. doi: 10.1007/s10826-008-9249-3
- Pereira, A. I., Barros, L. e Beato, A. (2013). Escala de avaliação da ansiedade e superproteção parentais: estudo psicométrico numa amostra de pais e mães de crianças em idade escolar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 35(1), 35-55.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para ciências sociais – a complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Petzold, M. (1998). The concept of “the family” in family psychopathology. In L. L’Abate (Ed.), *Family psychopathology: the relational roots of dysfunctional behaviour*. New York: Guilford Press.
- Pinto, H. M., Carvalho, A. R. & Sá, E. N. (2014). Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 4(32), 387-400. doi:1014417/ap.32.3.844
- Pires, A. (1990). Determinantes do comportamento parental. *Análise Psicológica*, 4(8), 445-452.
- Polansky, N. A., Chalmers, M. A., Bittenwieser, E. & Williams, D. P. (1979). Isolation of the neglectful family. *American Journal of Orthopsychiatry*, 49, 149-152. doi: 10.1111/j.1939-0025.1979.tb02594.x
- Polleto, M. & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416. doi:10.1590/S0103-166X2008000300009
- Procidano, M. & Heller, K. (1983). Measures of perceived social support from friends and

- from family: three validation studies. *American Journal of Community Psychology*, 11, 1-24. doi: 10.1007/BF00898416
- Reader, P., Duncan, S. & Lucey, C. (2005). What principles guide parenting assessments? In P. Reader, S. Duncan & C. Lucey (Eds), *Studies in the assessment of parenting* (3-25). Florence: Routledge.
- Reis, J. (1989). A comparison of young teenager, older teenager and adult mothers on determinants of parenting. *The Journal of Psychology*, 123(2), 141-151. doi: 10.1080/00223980.1989.10542970
- Reis, E. (2000). *Estatística descritiva*. (5a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Relações, Desenvolvimento & Saúde. (2016). Instrumentos de avaliação – EMBU-P – EMBU pais. *Relações, Desenvolvimento & Saúde Website*. Universidade de Coimbra. Acedido Novembro 15, 2016, em <http://www.fpce.uc.pt/saude/embup.htm>.
- Ribas, A. F. P., Junior, R. C. R. & Valente, A. A. (2006). Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento*, 16(3), 23-38.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(17), 547-558.
- Russel, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A. Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89-99. doi: 10.1080/00049539808257539
- Sallis, J., Owen, N. & Fisher, E. B. (2008). Ecological models of health behavior. In K. Glanz, B. K. Rimer & K. Viswanath (Eds.), *Health behaviour and health education: Theory, Research and Practice* (4nd Ed) (465-485). New York: John Wiley & Sons.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B. & Sarason, B. R. (1983). Assessing social

- support: the social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 127-139.
- Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(1), 187-192. doi: 10.1590/S1413-81232000000100016
- Silva, C. M. (1994). *Estatística aplicada à psicologia e ciências sociais*. Lisboa: McGraw-Hill, Portugal.
- Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, 11(20), 75-99.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development*, 66, 299-316. doi: 10.2307/1131579
- Soares, D. & Almeida, L. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. *Libro de Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. 4071-4083.
- Spinetta, J. J. & Rigler, D. (1972). The child-abusing parent: a psychological review. *Psychological Bulletin*, 77, 296-304. doi: 10.1037/h0032419
- Thompson, L. & Walker, A. J. (1989). Gender in families: women and men in marriage, work and parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 51(4), 845-871. doi: 10.2307/353201
- Tudge, J. (2007). *A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista*. Acedido em Fevereiro 16, 2017, em <http://maft.dept.uncg.edu/hdf/facultystaff/~Tudge/Tudge,%202008.pdf>.
- Tudge, J. R. H., Mokrova, I., Hatfield, B. E. & Karnik R. B. (2009). Uses and misuses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. *Journal of Family Theory*

- & *Review*, 1(4), 198-210. doi:10.1111/j.1756-2589.2009.00026.x
- Turner, J. & Avison, W. (1985). Assessing risk factors for problem parenting: the significance of social support. *Journal of Marriage and Family*, 47(4), 881-892. doi: 10.2307/352331
- Unger, D. & Powell, D. (1980). Supporting families under stress: the role of social networks. *Family Relations*, 29(4), 566-574. doi: 10.2307/584473
- Vasconcelos-Raposo, J., Teixeira, C., Lima, A. & Monteiro, I. (2015). Atividade física e estilos educativos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(2), 129-147. doi:10.15309/15psd160201
- Walker, A. (1999). Gender and family relationships. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz & G. W. Peterson (2a ed). *Handbook of marriage and the family*. New York: Plenum Press.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331. doi: 10.1590/S0102-79722004000300005
- Wellman, B., & Wortley, S. (1990). Different strokes from different folks: community ties and social support. *American Journal of Sociology*, 96(3), 558–588. doi: 10.1086/229572
- Wilcox, B. L. & Vernberg, E. M. (1985). Conceptual and theoretical dilemmas facing social support research. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds), *Social Support: Research, Theory and Applications* (3-20). Dordrecht, Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers.
- Winsler, A., Madigan, A. L. & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12. doi: 10.1016/j.ecresq.2005.01.007
- Zeinali, A., Sharifi, H., Enayati, M., Asgari, P. & Pasha, G. (2011). The mediational pathway among parenting styles, attachment styles and self-regulation with addiction susceptibility of adolescents. *Journal of Research in Medical Sciences*, 16(9), 1105-1121.

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalitico*, 42(2), 453-470.

Anexos

Anexo A

Questionário sociodemográfico

PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO QUE ESTÁ A SER REALIZADA EM PORTUGAL.

Pretendemos caracterizar e compreender os fatores parentais, tais como competências parentais, dinâmica familiar, resiliência e suporte social e como estes influenciam o bem-estar dos filhos dos 6 aos 16 anos de idade.

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades. Os dados serão recolhidos através do instrumento seguinte e tem um tempo aproximado de resposta de 30 minutos.

A sua colaboração é fundamental. Sinta-se livre de aceitar ou recusar participar no estudo. Asseguramos que todos os dados por si fornecidos são confidenciais.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas lhe pedimos que responda a todas as questões apresentadas com a máxima sinceridade possível. Sempre que lhe surgirem dúvidas, poderá esclarecê-las junto da pessoa que está na sala a aplicar os questionários. Muito obrigada pela sua colaboração.

1. Idade	_____	2. Estado Civil	Solteiro(a)	<input type="checkbox"/>
			União de Facto	<input type="checkbox"/>
			Casado(a)	<input type="checkbox"/>
3. Género	Feminino		Separado(a)	<input type="checkbox"/>
	Masculino		Divorciado(a)	<input type="checkbox"/>
			Viúvo(a)	<input type="checkbox"/>

4. Quantos filhos tem? _____

4.1. Idade(s) de cada filho(a) _____

5. Nível de escolaridade

Não sabe ler nem escrever	<input type="checkbox"/>		
Não completou o Ensino Básico	<input type="checkbox"/>		
Ensino Básico	1º Ciclo	<input type="checkbox"/>	2º Ciclo
Ensino Secundário	10º Ano	<input type="checkbox"/>	11º Ano
Licenciatura			3º Ciclo
Mestrado			12º Ano
Doutoramento			<input type="checkbox"/>

6. Área de residência

Aldeia	<input type="checkbox"/>
Vila	<input type="checkbox"/>
Cidade	<input type="checkbox"/>

7. Pessoa com quem coabita

Sozinho(a)	
Cônjuge	
Cônjuge e Filhos	
Filhos	
Outros parentes	

8. Situação profissional

Empregado(a) por conta própria	
Empregado(a) por contra de outrem	
Desempregado(a)	
Reformado(a)	
Outra _____	

9. Profissão

Dados do Agregado Familiar e do (s) Filho (s) com idades entre os 6 e os 16 anos (se tiver mais do três filhos com estas idades responda em relação aos 3 mais velhos):

10. Escolaridade

	Filho1	Filho2	Filho3
1º Ciclo			
2º Ciclo			
3º Ciclo			
Secundário			

11. Frequenta o ensino:

	Filho1	Filho2	Filho3
Público			
Privado			
IPSS			

12. O seu educando frequenta atividades extracurriculares?

	Filho1	Filho2	Filho3
Não			
Sim			

12.1. Quantas atividades extracurriculares tem?

	Filho1	Filho2	Filho3
1			
2 a 3			
Mais de 4			

12.2. Quais ? _____

12.3. Com que frequência?

0-1 p/semana
 2-3 p/semana
 4-6 p/semana
 Mais de 7 vezes p/semana

Filho1	Filho2	Filho3

13. Pratica(m) modalidades desportivas regularmente?

Não
 Sim

Filho1	Filho2	Filho3

13.1. Número de vezes por semana

2 vezes
 1 vezes
 + 3 vezes

Filho1	Filho2	Filho3

13.2. Desportista(s) federado?

Não
 Sim

Filho1	Filho2	Filho3

14. O(s) seu(s) educando(s) frequenta(m) um Centro de Estudos ou ATL?

Não
 Sim

Filho1	Filho2	Filho3

Qual a razão? _____

15. Com que antecedência chega(m) o seu(s) filho(s) à escola antes da 1ª aula do dia ?

15min ou hora certa
 30min
 1h

Filho1	Filho2	Filho3

16. A que horas chega(m) geralmente a casa?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 17h30			
Entre as 17h30 e às 19h30			
Depois das 19h30			

17. A que horas costuma deitar o seu(s) educando(s)?

	Filho1	Filho2	Filho3
Antes das 20h30			
Entre as 20h30 e às 21h30			
Depois das 22h			

Quem costuma deitar os educandos? _____

18. Como costuma(m) ocupar as suas noites?

	Filho1	Filho2	Filho3
Ler			
Ver televisão			
Sair			
Outras			

Quais? _____

22. O(s) seu(s) filho(s) vive(m) consigo?

	Filho1	Filho2	Filho3
Não			
Sim			

Em caso negativo, há quantos anos é que não vive(m) com o(s) seu(s) filho(s)?

Anexo B
Escala – Estilos parentais

Escala EMBU-P (Canavarro & Pereira, 2007a)

Versão portuguesa da escala Egná Minnen Beträffande Uppfostran - Parents
version (de Castro, Pablo, Gómez, Arrindell, & Toro, 1997)

Mesmo que seja difícil explicar com exatidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o(s) tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamento que tem tido em relação ao(s) seu(s) filho(s). Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflita o comportamento que tem ou teve para com o(s) seu(s) filho(s). **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá preenche-la com uma cruz.**

Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Demonstração ao(s) seu(s) filho(s), com palavras e gestos, que gosta deles(s)?				
2. Castiga o(s) seu(s) filho(s) mesmo no caso de pequenas faltas?				
3. Tenta influenciar o(s) seu(s) filho(s) para que ele(s) venha(m) a ser pessoa(s) bem colocada(s) na vida?				
4. Deseja que o(s) seu(s) filho(s) seja(m) diferente em algum aspecto?				
5. Acha que é demasiado severo(a) com o(s) seu(s) filho(s)?				
6. Decide como o seu(s) filho(s) deve(m) vestir-se/aspecto deve(m) ter?				
7. Proíbe o(s) seu(s) filho(s) de fazer coisas que outras crianças da idade dele(s) fazem por medo que lhe(s) aconteça algo de mal?				
8. Bate ou repreende o(s) seu(s) filho(s) em frente de outras pessoas?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
9. Preocupa-se em saber o que faz o(s) seu(s) filho(s) na sua ausência?				
10. Quando as coisas correm mal ao(s) seu(s) filho(s), tenta compreendê-lo(s) e anima-lo(s)?				
11. Impõe ao(s) seu(s) filho(s) mais castigos corporais do que ele(s) merece(m)?				
12. Aborrece-se com o(s) seu(s) filho(s) porque ele(s) não o (a) ajuda(m) nas tarefas de casa como gostaria?				
13. Quando acha que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?				
14. Conta a outras pessoas o que o(s) seu(s) filho(s) faz(em) ou diz(em), envergonhando-o(s) com isso?				
15. Mostra interesse em que o(s) seu(s) filho(s) tire(m) boas notas?				
16. Ajuda o(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) enfrenta(m) uma tarefa difícil?				
17. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: " Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?				
18. Fica triste por culpa do(s) seu(s) filho(s)?				
19. Tenta estimular o(s) seu(s) filho(s) para que ele seja o melhor?				
20. Demonstra ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s)?				
21. Confia no(s) seu(s) filho(s) de tal forma que o(s) deixa atuar sob a sua própria responsabilidade?				
22. Respeita as opiniões do(s) seu(s) filho(s)?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
23. Se o(s) seu(s) filho(s) tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?				
24. Quer estar ao lado do(s) seu(s) filho(s)?				
25. Acha que é "forreta" e "duro(a)" para com o(s) seu(s) filho(s)?				
26. Quando regressa a casa, o(s) seu(s) filho(s) tem que dar-lhe explicações sobre o que fez(em)?				
27. Tenta que a infância do(s) seu(s) filho(s) seja estimulante e atrativa? (por exemplo: dando-lhe(s) bons livros, encorajando-o(s) a em passeios e excursões, etc.)				
28. Elogia o comportamento do(s) seu(s) filho(s)?				
29. Diz ao(s) seu(s) filho(s) frases como estas: "É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?				
30. Quando o(s) seu(s) filho(s) está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?				
31. Diz ao(s) seu(s) filho(s) que não está acordo com a forma de ele(s) se comportar(am) em casa?				
32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do(s) seu(s) filho(s)?				
33. É brusco e pouco amável com o(s) seu(s) filho(s)?				
34. Castiga o(s) seu(s) filho(s) com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?				

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
35. Acha que o(s) seu(s) filho(s) deseja(m) que se preocupe menos com as atividades dele(s)?				
36. Participa ativamente nos passatempos e diversões do(s) seu(s) filho(s)?				
37. Bate ao(s) seu(s) filho(s)?				
38. Coloca limitações estritas ao que o(s) seu(s) filho(s) pode(m) ou não fazer, obrigando-o(s) a respeitá-las rigorosamente?				
39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao(s) seu(s) filho(s)?				
40. Acha que há carinho e ternura entre si e o(s) seu(s) filho(s)?				
41. Fica orgulhoso(a) do(s) seu(s) filho(s) quando ele(s) consegue(m) atingir objetivo a que se propõe(m)?				
42. Manifesta ao(s) seu(s) filho(s) que está satisfeito com ele(s) através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe(s) palmadas nas costas, abraçá-lo(s), etc.?				

Anexo C

Escala – Suporte social

**Escala de Satisfação com o Suporte Social –ESSS
(Pais-Ribeiro, 1999)**

Pense nas suas relações com os outros (Assinale 1 resposta para cada linha).

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostava					
2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho					
3. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos					
4. Estou satisfeito(a) com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos					
5. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho					
6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio					
7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer					
8. Mesmo em situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer					
9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntima que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas					
10. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a família					
11. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família					

	Concordo totalmente	Concordo bastante	Nem concordo nem discordo	Discordo bastante	Discordo totalmente
12. Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família					
13. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria					
14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam					
15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (clubes desportivos/recreativos, partidos políticos)					